



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA

ISABEL CRISTINA MOREIRA REIS

O DESINTERESSE DOS ADOLESCENTES DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO PELA ESCOLA: o trabalho do coordenador pedagógico na intervenção desse quadro.

São Luís -MA

2016

ISABEL CRISTINAMOREIRA REIS

O DESINTERESSE DOS ADOLESCENTES DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO PELA ESCOLA: o trabalho do coordenador pedagógico na intervenção desse quadro.

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: Prof^a. M^a. Aldenora Resende dos SantosNeta

São Luís - MA

2016

Reis, Isabel Cristina Moreira.

O desinteresse dos adolescentes do 1º ano do ensino médio pela escola: o trabalho do Coordenador pedagógico na intervenção desse quadro / Isabel Cristina Moreira Reis. — São Luís, 2016.

60 f.

Orientador: Aldenora Resende dos Santos Neta.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica, 2016.

1. Desinteresse do aluno - Escola. 2. Coordenador pedagógico. 3. Ensino-aprendizagem. 4. Motivação. I. Título.

ISABEL CRISTINA MOREIRA REIS

O DESINTERESSE DOS ADOLESCENTES DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO PELA ESCOLA: o trabalho do coordenador pedagógico na intervenção desse quadro.

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão.

Aprovado em: _____/_____/_____.

BANCA EXAMINADORA:

Profª Mª.Aldenora Resende dos Santos Neta

ProfªDrª Maria José dos Santos

Profª Mª. Rachel Sousa Tavares

Dedico este trabalho aos meus filhos, Guilherme e Alexandre, pelo amor incondicional a mim dedicado e pela compreensão nos momentos ausentes para realização desse trabalho, pois são minha fonte de coragem, força, alegria, a razão da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é força, luz e sabedoria suprema do universo, por me guiar em todos os momentos da minha vida.

Aos meus filhos, Guilherme e Alexandre, por compartilhar a minha rotina com alegria, compreensão e amor

A minha orientadora prof^a. Aldenora Resende dos Santos Neta, que exerceu essa difícil missão de forma sábia e com dedicação.

A todos os professores do curso pela dedicação e sabedoria ao transmitir seus conhecimentos.

As minhas colegas cursistas, Adelina Glória Marreiros com quem fiz todos os trabalhos em grupo, Joana Siqueira e Lourdes Aires, pelos momentos descontraídos e enriquecedores que passamos juntas durante as viagens para os encontros presenciais.

Todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para realização deste curso.

Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar possibilidades para a sua
produção ou a sua construção.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho intitulado “O desinteresse dos adolescentes do 1º ano do ensino médio pela escola: o trabalho do coordenador pedagógico na intervenção desse quadro, ” tem como objetivo analisar o nível de desinteresse dos alunos do 1º ano do ensino médio do Centro de Ensino Aristides Lobão diante do processo de ensino-aprendizagem e o trabalho do coordenador pedagógico na intervenção desse quadro. Para tanto, realizou-se um trabalho de observação no 1º ano, com 30 alunos, no turno vespertino, do Centro de Ensino Aristides Lobão em Barão de Grajaú – MA, seguido de um questionário com perguntas abertas e fechadas para coletar informações sobre os anseios dos alunos no que se refere ao ensino e aprendizagem. Por meio dessa pesquisa buscou-se investigar a função do coordenador pedagógico para realizar um trabalho eficaz juntamente com sua equipe, pois o grande desafio hoje enfrentado nas escolas é o desinteresse dos alunos na sala de aula. Em busca de maiores conhecimentos esse trabalho teve como referencial teórico Damiani (2008), Dayrell (2016), Gonh (2016), Freire (1997, 2015), Pimenta (1993), Raposo e Maciel (2005), Tapia e Fita (2003), Saviani (1991), entre outros. Nesse sentido, durante a pesquisa verificou-se que os alunos estão desmotivados e precisam ser estimulados a aprender, para tanto é preciso que a escola interaja com o meio social dos mesmos e desenvolva um trabalho coletivo, contextualizado e interdisciplinar.

Palavras-chave: Desinteresse. Jovens. pedagógico.

Ensino-aprendizagem. Coordenador

ABSTRACT

summary The present work entitled "The disinterest of the adolescents of the first year of high school by the school: the work of the pedagogical coordinator in the intervention of this framework," aims to analyze the level of disinterest of the students of the 1st year of high school Aristides Teaching Center Lobão before the teaching-learning process and the work of the pedagogical coordinator in the intervention of this painting. In order to do so, a study was carried out in the 1st year, with 30 students, in the afternoon shift, of the Aristides Lobão Teaching Center in Barão de Grajaú - MA, followed by a questionnaire with open and closed questions to collect information about the yearnings Of students in teaching and learning. The aim of this research was to investigate the role of the pedagogical coordinator in order to carry out an effective work with his or her team, since the great challenge faced in the schools today is the lack of interest of the students in the classroom. In the search for greater knowledge, this work was based on Damiani (2008), Dayrell (2016), Gonh (2016), Freire (1997, 2015), Pimenta (1993), Raposo and Maciel), Saviani (1991), among others. In this sense, during the research it was verified that the students are unmotivated and need to be stimulated to learn, so it is necessary that the school interacts with their social environment and develops a collective, contextualized and interdisciplinary work.

Keywords: Disinterest. Young. Teaching-learning. Pedagogical coordinator.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I -Perfil dos alunos ao chegarem à escola.....	37
Gráfico II –Elementos que levam ao desinteresse na sala de aula.....	37
Gráfico III –Elementos que estimulam o interesse na sala de aula.....	38
Gráfico IV –A relação dos conteúdos trabalhados na escola com o meio social.....	39
Gráfico V –Diálogo entre os conteúdos das disciplinas.....	40
Gráfico VI – Conteúdosque gostariam que fossem trabalhados na sala aula.....	41
Gráfico VII – Recursos tecnológicos solicitados pelos alunos na sala de aula.....	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	15
2.1 Conceitos de ensino-aprendizagem.....	16
2.2 Relação dos jovens com a escola.....	19
2.3 A educação formal, informal e não formal no processo ensino-aprendizagem....	21
3 A MELHORIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM: TRABALHO DE INTERVENÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO	24
3.1 Situando o espaço da pesquisa.....	28
3.2 Situando os sujeitos da pesquisa: professores e alunos.....	29
3.3 Fatores que influenciam o processo de ensino-aprendizagem.....	31
3.3.1 Motivação.....	31
3.3.2 Metodologia	33
3.3.3 Elementos socioeconômicos.....	35
3.3.4 O trabalho do coordenador pedagógico no Centro de Ensino Aristides Lobão diante do desinteresse dos jovens pela escola.....	36
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	39
4.1 Perfil dos alunos ao chegarem na escola	39
4.2 Elementos que levam ao desinteresse os alunos na sala de aula.....	40
4.3 Elementos que estimulam o interesse dos alunos na sala de aula	41
4.4 A relação dos conteúdos trabalhados na escola com o meio social.....	42
4.5 A relação dos conteúdos trabalhados na sala de aula com o meio social.....	43
4.6 Conteúdos que os alunos gostariam que fossem trabalhados na sala de aula...44	
4.7 Recursos tecnológicos solicitados pelos alunos na sala de aula.....	45
4.8 Proposta de intervenção do coordenador pedagógico diante do desinteresse dos jovens pela escola.....	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
6 REFERÊNCIAS	53
ANEXO A	57
ANEXO B	58
APÊNDICE	59

INTRODUÇÃO

O meio social em que os discentes estão inseridos é muito complexo. Acham-se cercados de informações, modismos, novidades apresentadas pelas mídias que influenciam o seu comportamento, e na maioria das vezes, sem selecionar o que há de melhor, irrefletidamente, incorporam seus hábitos com os quais passam a conviver no seu dia-a-dia, juntamente com as pessoas dos grupos de que fazem parte.

Sabe-se que para ocorrer à aprendizagem significativa é preciso que se conheça a comunidade a qual nosso aluno faz parte, principalmente, no que diz respeito aos adolescentes. Nessa perspectiva, deve-se perceber a relação do jovem com a família, vizinhos, amigos, igreja, colegas e demais grupos culturais desse território. Se as contribuições desse meio estão influenciando positivamente o seu crescimento pessoal e intelectual, e, caso não se integre à comunidade, o que poderia estar bloqueando essa vivência (trabalho, condições financeiras, proibição dos pais, rejeição dos grupos ou pessoas que não aprenderam a respeitar as diferenças) e o que esse jovem gostaria de aprender e mudar em sua vida.

Nesse sentido, a educação formal deve relacionar-se intimamente com a educação não formal, porém, na prática, fazer essa parceria e trabalhar conteúdos na sala de aula de forma dinâmica, provocando e despertando o interesse dos alunos, mantendo o entusiasmo e a participação dos mesmos nas aulas tem sido o grande desafio dos profissionais da educação.

Embora existam professores aguerridos, estudos, discussões, cursos de aperfeiçoamento, formações continuadas para educadores, apresentando teorias, metodologias e práticas educacionais modernas para motivar o aluno a aprender, além dos programas de incentivo do governo que contribuem de forma significativa, o problema do desinteresse por partes dos alunos em sala de aula ainda persiste nas escolas a nível nacional.

O interesse em pesquisar a temática sobre o desinteresse dos adolescentes do 1º ano do ensino médio pela escola e o trabalho do coordenador pedagógico na intervenção desse quadro, é decorrente de inquietações tanto dos docentes que não conseguem atrair a atenção dos alunos para as aulas, como dos alunos que não se concentram nas explicações do professor e nem demonstram prazer em aprender,

pois a atenção deles está voltada para uma sociedade que lhes apresenta uma realidade diferente da escola.

Desta forma, esse estudo tem o propósito de responder o seguinte problema: O que ocasiona o desinteresse dos alunos pelos conteúdos e metodologias de trabalho na sala de aula e como o trabalho do coordenador pedagógico pode colaborar a fim de reverter esse quadro?

A falta de estímulo do aluno diante do processo de ensino-aprendizagem é refletida tanto pela metodologia que são utilizadas para ministrar as aulas como pelos conteúdos a eles aplicados, pois não condizem com a sua visão de mundo, nem com sua realidade social, porque não há uma inter-relação da educação formal com a não-formal.

Nesse caso, faz-se necessário à atuação do coordenador pedagógico para promover um trabalho coletivo e dialogal, juntamente com os docentes, desenvolvendo cursos de formação continuada, debates, grupos de estudos, pesquisas, seminários, entre outros meios, tendo a possibilidade de refletir as práticas pedagógicas implementadas na educação dos jovens.

Portanto, esse processo de comunicação entre os profissionais precisa ser rico e aberto às mudanças, principalmente diante das situações inesperadas. Como exemplo, os profissionais da educação devem estar preparados para trabalhar com os recursos tecnológicos que circulam no meio social, pois se encontram distantes da sala de aula e muito próximo dos jovens/alunos.

Diante desse contexto, esse trabalho propõe como objetivo geral analisar o nível de desinteresse dos alunos do 1º ano do ensino médio do Centro de Ensino Aristides Lobão diante do processo de ensino – aprendizagem e o trabalho do coordenador pedagógico na intervenção desse quadro.

Em suma, a proposta é que essa pesquisa possa contribuir para o desenvolvimento e melhorado processo de ensino, visando estimular e motivar os sujeitos envolvidos para que ocorra uma aprendizagem significativa. Sendo assim, a intervenção do coordenador pedagógico nessa tarefa otimiza as atividades que vão ao encontro dos alunos.

Quanto aos objetivos específicos estes consistem em conceituar o processo de ensino-aprendizagem, destacando alguns fatores que o influencia, bem como a adequação entre a educação formal e informal, além da atuação do coordenador pedagógico nesse contexto de despertar e aprimorar o interesse dos alunos.

O alcance desses objetivos tem o propósito de que, com esse estudo, tanto a equipe escolar quanto o coordenador pedagógico busquem meios que facilitem o processo ensino e aprendizagem fazendo com que os alunos passem a ter mais interesse pelas aulas e que as atividades a serem desenvolvidas pelos docentes, assim como a metodologia utilizada partam da realidade social em que a escola está inserida.

Ademais esse trabalho pretende elencar propostas na área de atuação do coordenador pedagógico para que o ensino do Centro de Ensino Aristides Lobão se direcione em uma linha horizontal, ensinando a partir do conhecimento de mundo dos alunos, visando aguçar a curiosidade, respeitando as potencialidades e o ritmo de cada um, pois segundo Freire (2015, p.82) “a curiosidade que silencia a outra se nega a si mesma também”.

Para a realização do trabalho selecionamos a pesquisa de campo como um processo de investigação empírica, por meio da observação, aplicação de questionário com os alunos, pesquisa bibliográfica e análise documental (Projeto Político Pedagógico da Escola). Portanto, inserida na proposta qualitativa de caráter exploratória.

Segundo Neves (2015, p.33), “a observação científica é sistemática, controlada, que exige tempo, concentração e envolvimento do pesquisador”. Esse método possibilitará não só o conhecimento da realidade, com também conviver com os sujeitos da pesquisa, e, como professora da turma em estudo foi possível vivenciar e aplicar diferentes técnicas de trabalho a fim de observar o comportamento dos alunos e fazer uma reflexão crítica dessas situações, juntamente com os alunos.

Ao contrário da observação, no questionário, o pesquisador não terá certeza absoluta da veracidade das respostas ali contidas, mas, ainda de acordo com Neves (2015, p.39), “o questionário é um procedimento de fácil acesso, pode ser aplicado simultaneamente a um número de pessoas, possibilitando a uniformidade das respostas e o anonimato do informante”. E, às vezes, para algumas pessoas torna-se mais fácil expressar-se por escrito que oralmente, principalmente quando não precisa identificar-se, assim, tornou-se devidamente necessário na presente pesquisa.

O processo de investigação ocorreu com os alunos do 1º ano do Ensino Médio, no Centro de Ensino Aristides Lobão, situado na cidade de Barão de Grajaú - MA. Realizou-se uma amostragem de 30 alunos em um universo de 311. O método

trabalhado foi o indutivo, através da observação e aplicação de questionário, com questões abertas e fechadas.

O desdobramento desta monografia é de interesse de todos, pois se faz necessário conhecer, compreender e entender o processo de ensino-aprendizagem, assim como as atribuições do coordenador pedagógico para que não haja desvio de sua função na escola e, esse profissional passe a desempenhar o seu verdadeiro papel, a fim de atender as necessidades e interesses dos professores e alunos em todas as suas dimensões, tendo como base a realidade desses alunos na sala de aula, para que se apresentem novas técnicas e métodos de ensino, respaldadas no estudo dos autores que discutem o tema exposto, e assim, alcançar mudanças significativas no processo de ensino e aprendizagem.

Este trabalho monográfico consta de duas seções. A primeira refere-se ao processo de ensino-aprendizagem (conceito de ensino-aprendizagem; a relação dos jovens com a escola e a inter-relação da educação formal, informal e não formal). A segunda seção trata-se da melhoria do processo ensino-aprendizagem: trabalho de intervenção do coordenador pedagógico (situando o espaço da pesquisa; situando os sujeitos da pesquisa: professores, alunos, fatores que influenciam o processo de ensino-aprendizagem: metodologia, motivação, elementos socioeconômicos, análise e resultado da pesquisa e uma proposta de intervenção do coordenador pedagógico diante do desinteresse dos jovens pela escola) e finalmente as considerações finais e referências.

2 PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Desde os tempos mais remotos se fala do processo de ensino e aprendizagem, daquele que ensina e do que aprende, porém, a educação escolar acontece num contexto histórico-social que inclui elementos culturais, políticos, econômicos e tecnológicos que provocam uma série de mudanças pedagógicas, constituindo-se numa batalha infinita para atender as adversidades pelas quais vem passando o ensino e a aprendizagem dos nossos alunos atualmente.

As relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados. Se partimos dessas afirmações, se aceitamos a íntima associação entre escola e cultura, se vemos suas relações como intrinsecamente constitutivas do universo educacional, cabe indagar por que hoje essa constatação parece se revestir de novidade, sendo mesmo vista por vários autores como especialmente desafiadora para as práticas educativas (MOREIRA E CANDAU,2003,p.5).

Para a escola educar significa colocar em prática um processo de ensino-aprendizagem que tenha como primazia a integração ao universo da cultura. Deve-se conhecer o passado, contextualizando com o presente, com a realidade social do indivíduo para levá-lo a aprender a partir do seu conhecimento de mundo.

Nesse sentido,Luckesi (1994), afirma que a tendência progressistalibertadora tem como prioridade a conscientização do homem para que possa ser um cidadão crítico capaz de ter ideias próprias e exercer sua cidadania no meio social em que vive, pois, a educação libertadora questiona de forma concreta a realidade das relações do homem com a natureza e com os outros homens, objetivando uma transformação deste na sociedade.

A centralidade do ensino-aprendizagem é a relação professor-aluno e o desafio de formar educandos, constituindo-se em uma tarefa difícil de enfrentar e resolver, devendo-se trabalhar com um ensino heterogêneo que atenda a grande diversidade cultural que adentra a escola.

Pode-se dizer que a qualidade, a efetividade e os impactos do processo de ensino-aprendizagem, dependem não só da seleção de conteúdos, da organização e sistematização didática do trabalho, pois o seu processo não pode ser garantido unicamente pelo professor e pelas suas estratégias didático-pedagógicas. É

uma conquista que supõe diálogo, participação efetiva e, sobretudo, a construção de relações de aproximação e empatia com os estudantes.

Muitos professores vivem dramas terríveis porque não conseguem atrair e construir sentido e significado para seu projeto pedagógico. Há casos em que os próprios alunos sabotam as aulas, constroem estratégias para driblá-las e apresentam-se apáticos para as mesmas. Ficando óbvio que não basta ter um plano de aula bem estruturado, organizado e fundamentado. Da mesma forma que o plano do ensinar e do aprender supõe a construção de relações de proximidade, empatia e significado que vão além dos conteúdos estabelecidos pelo professor e de suas estratégias didático-pedagógicas.

A prática docente depende da concepção que os professores apresentam do ensino e da aprendizagem, do modo como concebem seu papel, o papel dos alunos e como estes consideram o pensar e o fazer docente no contexto escolar.

O processo educacional deve contemplar um tipo de ensino e aprendizagem que ultrapasse a mera reprodução de saberes “cristalizados” e desemboque em um processo de produção e de apropriação de conhecimentos transformadores, possibilitando, assim, que o aluno se torne crítico e possa refletir sobre as questões sociais e buscando alternativas de superações da realidade.

2.1 Conceitos de ensino e aprendizagem

Ensinar e aprender são indissociáveis, pois quem ensina está sempre aprendendo algo diferente e quem aprende também ensina, pois nesse processo há troca de conhecimentos e experiências vividas por ambas as partes, educador e educando. O professor e/ou educador é um mediador da aprendizagem que deve proporcionar aos alunos meios que despertem a sua aprendizagem e educando é um sujeito agente que deve questionar analisar, julgar e comparar os novos conhecimentos com a realidade em que vive, a fim de que juntos possam construir e reconstruir conhecimentos.

De acordo com Freire (2015, p. 24), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Logo, é preciso aguçar a curiosidade dos alunos para aquilo que se pretende transmitir, que o novo dialogue com a leitura de mundo dos alunos para uma interação efetiva e motivacional entre os sujeitos.

Quando o ensino parte do meio social em que os alunos estão inseridos, a aprendizagem torna-se eficaz porque eles passam a correlacionar os novos conhecimentos à sua prática diária, atribuir-lhes significados e entender a importância de aprendê-los.

Não há conhecimento que possa ser aprendido e recriado se não se mexer, inicialmente, nas preocupações que as pessoas detêm, é um contrassenso supor que se possa ensinar crianças e jovens, principalmente, sem partir das preocupações que eles têm, pois, do contrário, só se conseguirá que decorem (constrangidos e sem interesse) os conhecimentos que deveriam ser apropriados tornados próprios (Cortella, 1997. p.103).

Nessa perspectiva, Moreira e Candau (2007), afirmam que são indispensáveis conhecimentos escolares que facilitem ao aluno uma compreensão acurada da realidade em que está inserido, que possibilitem uma ação consciente e segura no mundo imediato e que, além disso, promovam a ampliação de seu universo cultural.

Ensinar é fazer com que os alunos se comprometam num questionamento dialético de princípios fundamentais, desenvolvam estratégias de discussão de verdades estabelecidas. É fazer com que analisem argumentos pró e contra e buscando a validação ou a contestação de hipóteses e crenças, com que estabeleçam novas hipóteses e novas crenças fundamentadas por pesquisa e reflexões sérias (CARR,1997, p.22,apud FERREIRA, 2012, p.8).

Dessa forma, Moreira e Candau (2007), concebem o conhecimento escolar como uma construção específica da esfera educativa, não como uma mera simplificação de conhecimentos produzidos fora da escola. Consideram, ainda, que o conhecimento escolar tem características próprias que o distinguem de outras formas de conhecimento.

Nesse processo selecionam-se os conteúdos a serem trabalhados, inclusive os temas transversais, de forma interdisciplinar e contextualizados, pois, na sua maioria estão totalmente desvinculados da realidade local e, conseqüentemente, da prática pedagógica também. Isso acontece porque são ensinados segundo o livro didático, que quase sempre precisa ser complementado com indagações reflexivas que levem à discussão entre o conhecimento prévio do aluno e aquilo que lhe está

sendo transmitido, a fim de que o discente possa interagir consciente e criticamente com outros saberes.

Aprendizagem é uma estrutura na qual intervêm, com relativa permanência, as disposições e as capacidades humanas, e que não pode ser atribuída apenas ao processo de desenvolvimento da pessoa. Depende do contexto familiar e social, e das circunstâncias de cada indivíduo (MORA, 2007, p.454).

Pois sendo a aprendizagem a aptidão de que precisamos no nosso dia-a-dia para reagir satisfatoriamente às diversas situações contrárias aos quais não podemos escapar, assim, a aprendizagem em sentido amplo tem a finalidade de ajudar a desenvolver cidadãos capazes de estabelecer uma relação pessoal com o meio físico e humano em que está inserido.

Para que se tenha um ensino de qualidade com um elevado índice de aprendizagem é preciso que os profissionais da educação conheçam a diversidade cultural da comunidade e passem a trabalhar com o interculturalismo, saibam correlacionar os conhecimentos escolares de forma planejada, reavaliando suas ações pedagógicas, para que sejam condizentes com o meio social dos alunos e para que esses se sintam motivados a aprender. Isso mediante a construção de um currículo democrático com um ensino amplamente heterogêneo e inacabado.

O educador que vivencia essa prática concebe o sistema de avaliação escolar de forma qualitativa na sua totalidade, planeja e replaneja suas ações sempre que necessário, a fim de recuperar a aprendizagem do aluno e não a nota, permitindo, assim, que todos os participantes do processo ensino–aprendizagem analisem criticamente a sua prática, tornando o educando consciente de sua própria aprendizagem.

Avaliar a aprendizagem escolar implica estar disponível para acolher nossos educandos no estado em que estejam, para, a partir daí, poder auxiliá-los em sua trajetória de vida. Para tanto, necessitamos de cuidados com a teoria que orienta nossas práticas educativas, assim como de cuidados específicos com os atos de avaliar que, por si, implicam em diagnosticar e renegociar permanentemente o melhor caminho para o desenvolvimento, o melhor caminho para a vida. Por conseguinte, a avaliação da aprendizagem escolar não implica aprovação ou reprovação do educando, mas sim orientação permanente para o seu desenvolvimento, tendo em vista tornar-se o que o seu SER pede (LUCKESI, 2000, p.10).

O processo de ensino-aprendizagem é realizado com êxito quando objetiva formar sujeitos autônomos, capazes de atuar como cidadãos críticos e conscientes. Para isso as atividades escolares direcionadas aos alunos devem levá-los a refletir, analisar, estimular a sua criatividade significativamente e tomar decisões que irão contribuir não só para o seu crescimento pessoal, mas também para despertar o desejo de colaborar e trabalhar em grupo, havendo, assim, interação entre sujeito, objeto do conhecimento e entre sujeitos, uma vez que a relação ensino-aprendizagem deve estar vinculada entre a sala de aula e a realidade.

2.2 Relação dos jovens com a escola

A sociedade moderna apresenta uma diversidade cultural enorme, constituída por grupos sociais distintos com características próprias e flexíveis, dos quais os jovens fazem parte e refletem-nas no seu território social de acordo com a visão de mundo deles, adquirindo e compartilhando conhecimentos com outros jovens, buscando firmar sua identidade pessoal e coletiva.

Essa diversidade adentra a escola que não está preparada para recebê-la porque continua atrelada a um ensino tradicional e homogêneo que desencadeia a insatisfação e o descontentamento dos jovens para com o ensino, e conseqüentemente, para com os professores; embora a Constituição Federal de 1988 e as Leis de Diretrizes e Bases Nacionais – LDB (1996), garantam um ensino gratuito para todos e com padrão de qualidade.

Por ser o ensino gratuito e direito de todos, há um grande número de jovens nas escolas de ensino médio; além disso, são espaços onde os jovens fazem amizades, trocam experiências e não desejam ser meros expectadores de discursos, com isso as escolas devem dispor de práticas educativas que interajam com essa juventude. Dayrell (2007, p. 13), afirma que “se a escola se abriu para receber um novo público, ela ainda não se redefiniu internamente, não se reestruturou a ponto de criar pontos de diálogo com os sujeitos e sua realidade”.

A Constituição Federal (1988), no capítulo III, artigo 206 afirma que o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções

pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; valorização dos profissionais da educação escolar; gestão democrática do ensino público, na forma da lei; garantia de padrão de qualidade.

A LDB reforça esses princípios no Título II, artigo 3º com os seguintes acréscimos: respeito à liberdade e apreço à tolerância; gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino; valorização da experiência extraescolar; vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais; consideração com a diversidade étnico-racial (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013).

Mesmo diante desses princípios e dos esforços dos profissionais da educação em colocá-los em prática, ainda temos uma escola autoritária que trabalha em uma linha vertical, determinando aquilo que os jovens devem aprender sem a preocupação de que os conteúdos ministrados estão condizentes com o meio sociocultural em que estão inseridos.

Isso faz com que o público juvenil não se identifique com a escola, pois vive imbuído de informações e mídias que o influencia diariamente, determinando seu estilo de vida, como: a forma de tratar as pessoas, a linguagem, o modo de vestir-se e usar os cabelos, o gosto musical, a dança. Segundo Dayrell (2007, p.3), “o jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferencia e muito das gerações anteriores”.

Diante disso a escola precisa estar preparada para trabalhar com esse novo público em suas múltiplas dimensões, abolindo qualquer tipo de discriminação, primando pelo diálogo, respeitando a diversidade sócio-histórico-cultural, trabalhando de acordo com os interesses e as necessidades juvenis, para que não se tenha uma escola onde uns mandam e outros obedecem; além do mais o autoritarismo, não é sinônimo de disciplina, nem fará com que os jovens passem a gostar e aprender o que é ensinado na escola.

Se a escola trabalha com um ensino pronto e acabado, ignorando as transformações da sociedade e o espaço dos jovens, como a família, a igreja, a rua, a praça, ou outros grupos sociais, uniformizando-os com as mesmas vivências, não haverá interação entre professores e alunos e ambos passam a viver em universos diferentes.

Desse modo, a juventude manifesta comportamentos relacionados à escola, como: insegurança, desânimo, desinteresse, incompetência, indisciplina ou abandono, porque esta insiste em limitar a criatividade dos estudantes, ensinando-lhes conteúdos descontextualizados e fragmentados que passam a decorá-los para serem avaliados e chegarem ao final do ano aprovados ou reprovados.

Os jovens já têm um mundo internalizado, logo os conteúdos devem ser contextualizados para que eles possam analisar e correlacionar com seus conhecimentos. Para isso o projeto político-pedagógico da escola deve ser construído coletivamente de forma interdisciplinar e estar voltado para a realidade social dos alunos.

2.3 A educação formal, informal e não-formal no processo de ensino-aprendizagem

Vivemos numa sociedade, complexa, dinâmica e impregnada de informações, que na maioria das vezes são persuasivas e eloquentes, tanto na persistência da mensagem quanto no visual, levando as pessoas a viverem em um mundo consumista e cheio de modismo, acrescentando e modificando hábitos e atitudes através das transformações da sociedade e da percepção da multiculturalidade nela existente.

Essa realidade, presente nos mais variados grupos sociais, cujos jovens fazem parte e vivenciam uma educação formal, não formal ou informal, que mesmo apresentando características distintas e significativas, eles podem estar presentes no seu cotidiano, seja de forma parcial ou plena. Esse resultado dependerá da relação dos conhecimentos e interesses do jovem/aprendiz e dos conhecimentos que lhe serão ensinados.

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (Gohn, 2006, p.28)

A escola atual não está totalmente desvinculada do ensino homogêneo, preso a conteúdos pré-estabelecidos e as suas dependências internas. Nesses termos imagina que está preparando o educando para a vida, mas o que se percebe, hoje, na escola, é o despreparo do aluno para o exercício da cidadania. A escola encontra-se mais voltada para a entrega de certificados, pois lhe falta a integração com o meio sociocultural, político e econômico com seu espaço territorial.

A educação informal começa na convivência familiar, com os vizinhos, amigos e nas relações diárias, tudo de forma natural, pois não se espera resultados, os indivíduos agem espontaneamente de acordo com os valores apreendidos pela herança cultural onde nasceram e se desenvolveram; partindo para dimensões sociais maiores e organizadas, onde vivenciarão práticas educativas, adquirindo novos conhecimentos e trocas de experiências.

É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender (Freire, 2015, p.44).

Dessa forma a educação não formal encontra-se em desvantagem com a educação formal que é internacionalista e homogênea, voltada para os interesses e necessidades do grupo que constrói coletivamente, de forma livre e descontraída, seus métodos e conteúdos de ensino a partir da problematização da vida cotidiana, com o objetivo de formar o indivíduo para o mundo e não apenas para o mercado de trabalho.

Todo processo educativo, formal ou informal tanto pode ignorar como incorporar as formas concretas de socialização, de aprendizado, de formação e de formação a que estão submetidos os educandos. Ignorar essa realidade e fechar-nos em “nossas” questões, curriculares e didáticas, terminará por isolar os processos didáticos escolares dos determinantes processos socializadores em que os setores populares se reproduzem desde a infância (Arroyo, 2003, p.33).

Alguns grupos sociais são fortes expoentes de aprendizagens, pois utilizam espaços livres e práticos, como: igrejas, praças, ruas, quadra de esportes, clubes,

teatros, entre outros, de forma agradável, atraindo a atenção e a participação de todos os envolvidos nesse processo de troca de saberes e experiências o que vai contribuir para a formação da identidade cultural desses indivíduos.

A escola por sua vez, ao receber uma plêiade de jovens, deve indagar-se sobre o trabalho que vem desenvolvendo para saber se está atingindo positivamente a esfera social do meio em que atua, pois estes precisam ser despertados e estimulados a aprender, assumir uma postura participativa e crítica social da realidade que os cercam.

Nesse sentido a instituição escolar precisa ampliar seus espaços, criar os conselhos e colegiados escolares, associações de pais, grêmio estudantil, ou seja, desburocratizá-la, para mobilizar a comunidade escolar e extraescolar a buscar um ensino interativo e de qualidade com novos métodos e técnicas de trabalho, que mantenham um diálogo constante com o meio social e com os conhecimentos que vão além dos muros da escola.

Participar dos conselhos e colegiados das escolas é uma urgência e uma necessidade imperiosa, mas exige uma preparação contínua, um aprendizado permanente, uma atividade de ação e reflexão. Não basta um programa, um plano, ou mais um conselho. É preciso reconhecer a existência e a importância da educação não formal no processo de construção de uma sociedade sem injustiças, democrática (Gohn, 2006, p.37).

Portanto, esse é um meio de fazer com que a escola saia da teoria exaustiva e descontextualizada, conheça e faça parte das práticas sociais da comunidade que os alunos conhecem, participame se sentem atraídos. Isso porque a realidade deles, fora da escola, não pode ser ignorada uma vez que possuem conhecimentos profundos e marcantes.

3A MELHORIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM: TRABALHO DE INTERVENÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

A interação e a integração entre os profissionais da educação não só viabilizam as práticas pedagógicas coletivas de forma plena, como também cooperam para a existência de um ensino eficiente, afetivo e eficaz, com potencialidades que transcendem o conhecimento escolar para o social, porque sendo eles sujeitos ativos, trocam conhecimentos e experiências que contribuem para dinamizá-los mutuamente.

Comunicação nos processos interativos trazem estudos sobre processos de significação no contexto educacional. Nesses estudos mostram que, em qualquer processo interativo, todos os envolvidos são sujeitos ativos e têm a comunicação como eixo principal do processo interativo. Esta, por sua vez, não está restrita a meios verbais e diretos, mas abrange qualquer forma que resulte em interação e conduza ao alcance de algum objetivo, ou seja, inclui o cognitivo, o afetivo e as emoções (TACCA e BRANCO, 2003; apud RAPOSO E MACIEL, 2005, p. 3).

Essa interlocução requer a presença de um mediador, coordenador pedagógico, para a organização e formação contínua do grupo, para promover mudanças atitudinais, no que diz respeito tanto ao método de trabalho quanto à aceitação do outro e para colaborar de maneira dinâmica, solidária para o fortalecimento das relações interpessoais e coletiva.

Isso porque os sujeitos do processo ensino-aprendizagem apresentam hábitos e atitudes, como: não aceitam às diferenças, uns julgarem-se superiores aos outros, seja pela função que exerce na escola, seja pela sua condição socioeconômica ou por julgarem-se mais capacitados e intelectuais, dificultando a comunicabilidade e o entendimento entre si. Esses entraves diminuem as competências dos educadores que deveriam ser somadas para arraigar o companheirismo e a socialização intelectual do grupo.

Outrossim é a cultura de um ensino autoritário que vem de cima para baixo, numa linha vertical, com conteúdos totalmente dissociados da realidade social em que vivem e, ainda, realizam um trabalho fragmentado e isolado na unidade de ensino, o que empobrece suas práticas e métodos de ensino, tornando-as desinteressantes.

Com essa prática isolada eclodem-se vários problemas para os professores que além de sentirem-se impotentes frente à difícil tarefa de ensinar e aprender, eles não têm como enfrentar essa situação, uma vez que não existe um entendimento entre eles, não compartilham suas angústias, não comungam e nem divergem ideias, como também não demonstram perspectivas de melhoras para o ensino.

Nesse aspecto, é indispensável à escola um espaço democrático e um mediador, no caso o coordenador pedagógico, para trabalhar dialógica e coletivamente essas divergências através de uma atenção redobrada, instigando todos os professores a externar suas queixas, seus anseios, suas experiências e propostas, que devem ser ouvidas, analisadas e discutidas criticamente com a mesma relevância, a fim de que percebam que todos são importantes e têm potencial que se valorizado igualmente, faz a diferença dentro e fora do ambiente de trabalho.

A dificuldade nas interações entre os professores é uma realidade da cultura escolar observada mesmo entre professores da mesma área e da mesma série. Tal realidade implica, em geral, em resultados educacionais que ficam muito aquém do seu potencial de realização. Por outro lado, observamos que, nas escolas onde se consegue co-construir um bom nível de interações sociais, constata-se a potencialização dos resultados educacionais e do desenvolvimento dos trabalhos, tanto individuais quanto coletivos (RAPOSO E MACIEL, 2005, p.1).

O diálogo entre os interlocutores munido de respeito e humildade resulta nessa interação, porque se sentem livres para expressar o que lhes atormentam interiormente sem receio de serem descarteados ou censurados severamente. Essa liberdade, na escola, contribui para que se tenha um ambiente acolhedor, amigável e de confiança, onde todos se sentem responsáveis e atuantes em manter a unidade do grupo.

A credibilidade e o respeito mútuo entre os docentes abrem espaços para os debates e o diálogo, onde as críticas são feitas com o propósito de alavancar mudanças, gerar discussões construtivas e formar opiniões sólidas numa troca de saberes, que tornam o grupo forte e dinâmico, além de propiciar o crescimento pessoal e intelectual dos professores no processo de ensino aprendizagem. Nessa perspectiva, pensamos que o debate, que ocorre por meio de questionamentos, negociações, exemplificações, coloca-se como atividade obrigatória nas interações professor-professor na escola para a promoção de uma concepção de Homem, Mundo, Sociedade e Educação, mais flexível e menos alienante. Se os professores da escola conseguem estabelecer uma atmosfera de respeito mútuo, na qual as divergências são acolhidas, visões distintas

confrontadas, bases de desacordos compreendidas e soluções comuns buscadas, poder-se-á dizer que, de fato, a interação social do grupo é não só formativa como também constitutiva de um novo saber e de uma nova forma de relacionamento interpessoal (RAPOSO e MACIEL, 2005, p. 3).

Para que haja essa integração e interação entre os docentes na escola, a articulação do coordenador pedagógico é fundamental entre esses sujeitos, para manter a harmonia do grupo e proporcionar a realização de um trabalho prazeroso, em que todos participam não por obrigação, mas por serem sujeitos ativos da elaboração dos projetos escolares na unidade de ensino da qual faz parte.

A revisão das investigações acerca do trabalho colaborativo – em suas diferentes formas – assim como o entendimento do processo que o sustenta sugerem que esse tipo de atividade apresenta potencial para auxiliar no enfrentamento dos sérios desafios propostos pela escola atual em nosso país. [...] O trabalho colaborativo possibilita, além disso, o resgate de valores como o compartilhamento e a solidariedade – que se foram perdendo ao longo do caminho trilhado por nossa sociedade, extremamente competitiva e individualista (DAMIANI, 2005, p.13).

Além de manter o elo entre os docentes, o coordenador pedagógico tem a função de provocador e transformador do fazer pedagógico; para isso deve oferecer condições favoráveis aos docentes para a realização do trabalho coletivo, para que se aprofundem na sua área de trabalho, dialoguem com outras áreas do currículo, interroguem-se sobre sua prática pedagógica de forma analítica e sejam capazes de refazê-la sempre que necessário.

O trabalho coletivo tem sido apontado por pesquisadores e estudiosos como o caminho mais profícuo para o alcance das novas finalidades da Educação Escolar, porque a natureza do trabalho na Escola - que é a produção do humano - é diferente da natureza do trabalho em geral na produção de outros produtos. No entanto, reconhece-se, de um lado, que o trabalho coletivo não é tarefa simples, uma vez que a Humanidade, durante séculos e séculos em sua história, acostumou-se a formas de vida individualistas. De outro lado, o coletivo carrega uma contradição que precisa ser explorada (PIMENTA, p.3,1993).

Porém, para a realização desse trabalho coletivo, é preciso que se tenha uma escola democrática, autônoma onde exista entre gestor, coordenador e professor liberdade de expressão, onde todos agem com entusiasmo e espontaneidade e são sujeitos ativos e compromissados com a construção do Projeto Político Pedagógico -PPPda escola, onde contextualizam os conteúdos de

acordo com a realidade sociocultural política e econômica do seu território, buscando superar as dificuldades por que vem passando o ensino.

Nesse contexto encontra-se a função e o trabalho do coordenador pedagógico, o articulador da aprendizagem, responsável pela harmonia e integração do grupo, pelo trabalho coletivo, primando sempre pela igualdade e respeito às diferenças.

Dentre as funções do coordenador pedagógico está a de socializar o saber dos docentes, motivar e valorizar os colegas de trabalho para que haja troca de experiências que serão relevantes para o desenvolvimento da prática de ensino em sala de aula e para solucionar problemas existentes na escola. Para isso esse profissional deve ter além do conhecimento teórico a capacidade de perceber as mudanças que ocorrem ao seu redor, as necessidades dos professores e alunos e juntos discutirem e refletirem sobre aquilo que está incomodando-os e juntos buscarem novas metodologias e práticas de ensino que visem atender à comunidade escolar como um todo.

Cabe ao coordenador pedagógico, juntamente com todos os outros educadores, exercer o “ofício de coordenar para educar” também aqui no sentido de possibilitar trocas e dinâmicas da própria essência da aprendizagem: aprender a aprender e junto como essência do que se concebe como formação continuada de educadores.

Logo, na perspectiva de aprender juntos, o trabalho do coordenador pedagógico na escola é de acompanhar o professor proporcionando-lhe subsídios para sua prática docente; realizar encontros, debates e reuniões com a comunidade escolar e extraescolar procurando sempre melhorar o processo educativo e estimular os professores a trabalharem com otimismo, entusiasmo e segurança na prevenção e solução dos obstáculos encontrados no cotidiano escolar.

Somente através do trabalho coletivo esse profissional será capaz de desenvolver sua função plenamente, como: estimular e acompanhar o professor, ajudando a desenvolver um bom trabalho na sala de aula, estabelecendo um clima de confiança, respeito, afetividade (atuando fora e dentro da escola) para juntos vencerem os desafios da escola. Assim, as ações pedagógicas que foram planejadas surtirão efeito ou serão reelaboradas sempre que necessário para a construção e reconstrução do conhecimento e dessa forma alcançar um ensino público de qualidade.

Esse profissional deve também estar preparado para identificar as necessidades dos professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem, estreitando os laços entre o que significa ser jovem atualmente e como relacionar-se com esse jovem estudante; como também acompanhar o desenvolvimento dos projetos interdisciplinares que têm por objetivo estimular o jovem à pesquisa, leitura e escrita e à reflexão crítica, ampliando seus horizontes, unindo a teoria à prática.

Isso se torna realidade com uma escola democrática, trabalhando com a multiculturalidade e quando o conhecimento transpõe os muros da escola para elevar o nível e a qualidade do ensino, e assim, ter suporte para enfrentar com êxito o desafio de atrair a atenção dos jovens para as aulas e prepará-los para que sejam sujeitos ativos, capazes de exercer a cidadania de forma plena: cidadãos críticos e conscientes dos seus direitos e deveres no mundo em que vivem.

3.1 Situando o espaço da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na sala de aula do 1º ano, no turno vespertino do Centro de Ensino “Aristides Lobão” (CEAL), escola da rede estadual de Ensino Médio, presencial, localizada na rua Nacor da Costa Ribeiro, S/N, cidade de Barão de Grajaú – MA, onde funciona os três turnos com turmas de 1º, 2º e 3º ano.

O espaço da sala é simples, porém, adequado para o número de alunos, climatizado, possui carteiras suficientes para a demanda, um quadro acrílico, uma mesa para professores. A escola dispõe de dois Datashow e uma caixa de som que precisam ser agendados para atender a todos os professores, quando planejam uma aula diferente.

Apesar dos esforços percebe-se que o ensino do CEAL ainda está atrelado ao ensino tradicional que seguem currículos que vem de cima para baixo, planejando e ministrando conteúdos que lhe são apresentados sem nenhuma criticidade, entrando em choque com as ideias democráticas de um ensino inovador, mais atraente e participativo onde todos têm direito a voz e a vez em prol de um bem comum.

Porém, a educação do CEAL, assim como todos os segmentos da sociedade, acompanha as transformações socioeconômicas, culturais e políticas. Por isso vem desenvolvendo, ainda que a passos lentos, algumas práticas educativas, como: palestra com profissionais de diversas áreas ligadas a saúde,

educação, assistência social, entre outros. E esporadicamente, também, acontecem manifestações culturais, grupos de teatro, torneio intercalassevisitas técnicas, feiras do conhecimento, gincanas, festas populares, entre outras.

Esses eventos têm como objetivo estimular os alunos a aprenderem não só a teoria, como também relacioná-la à prática. A escola deve estar aberta à comunidade e vice-versa. Precisamos perceber melhor a realidade dos educandos e conhecer os grupos sociais dos quais fazem parte para que possamos desenvolver projetos que respondam as demandas da comunidade e assim, obter dos nossos alunos o respeito, o interesse e alto índice de aprendizagem.

É preciso voltar os olhos para a organização da sociedade civil, para os processos de educação não-formal que nela se desenvolvem, e para o papel que a escola pode ter como campo de formação de um novo modelo civilizatório. Precisamos de uma nova educação que forme o cidadão para atuar nos dias de hoje, e transforme culturas políticas arcaicas, arraigadas, em culturas políticas transformadoras e emancipatórias (Gohn. 2006, p. 37).

Daí a necessidade da escola estreitar os laços entre a educação formal, à não-formal e à informal, contextualizando conteúdos para que os alunos possam dialogar com seus conhecimentos de mundo e os ensinados na escola, para fluir debates numa troca constante de conhecimentos para que sejam capazes de reproduzi-los com criticidade.

Para que essa teoria se torne realidade é preciso que se tenha uma escola democrática e multicultural onde as diferenças individuais e culturais dos alunos sejam respeitadas, onde exista, também, a valorização e a formação do profissional da educação, a efetivação de um trabalho coletivo com conselhos e associações escolares atuantes, onde o social seja trazido para o interior da escola e esta, passe a dialogar constantemente com o meio social em que está inserida.

3.2 Situando os sujeitos da pesquisa: professores e alunos

A escola tem um quadro de funcionários qualificados, conscientes do seu papel de transformador da realidade. Esse fato constitui um grande passo para fomentar, no ambiente escolar, ideias democráticas e descentralizadoras.

Apesar dos desafios que temos que enfrentar como 'quase todas' as escolas públicas dos sistemas estaduais e municipais; lutamos por uma escola autônoma

onde exista um trabalho coletivo e interdisciplinar que seja condizente com o meio sociocultural do aluno.

A compreensão do processo de construção do conhecimento escolar facilita ao professor uma maior compreensão do próprio processo pedagógico, o que pode estimular novas abordagens, na tentativa tanto de bem selecionar e organizar os conhecimentos quanto de conferir uma orientação cultural ao currículo (Moreira e Candau, 2007, p. 19).

Vem-se buscando esse trabalho, baseado no respeito às diferenças, no diálogo e na participação coletiva no âmbito intra e extraescolar, tendo como base a Constituição Federal de 1988, a LDB, o Plano Nacional de Educação - PNE e a formação dos Conselhos educacionais.

Nesse sentido, através de debates, reuniões, formações continuadas para coordenadores e professores, como o Pacto pelo fortalecimento do Ensino Médio¹ e formações para determinadas áreas do ensino, têm-se discutido muito sobre a elaboração e efetivação de um planejamento coletivo e interdisciplinar que vá ao encontro do aluno, visando um ensino de qualidade e procurando atingir alto índice de aprendizagem.

Reconhecer os sujeitos do ensino médio e dar centralidade aos conhecimentos e saberes representa uma intencionalidade política e uma concepção inovadora. Essa perspectiva desloca o ensino médio de uma visão abstrata, iluminista e racionalista para uma compreensão histórica e social do processo educativo e da construção dos conhecimentos nesta etapa formativa (SIMÕES, SILVA, 2014, p.19).

A partir dessas discussões e dos encontros pedagógicos, ainda que na sua maioria, realizados com os funcionários de cada turno devido à indisponibilidade do professor e o prazo que nos foi concedido, o CEAL construiu o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDDE) onde consta todas as informações da instituição, projetos e ações a serem desenvolvidos durante o ano, sendo muito significativo para o currículo, pois foi pautado na realidade do município, nas condições sociais e nos anseios dos alunos.

¹Curso de Formação Continuada para professores e coordenadores do Ensino Médio por meio da colaboração entre Ministério da Educação, Secretarias Estaduais de Educação e Universidades. Instituído por meio da Portaria Ministerial nº. 1.140 de 22 de novembro de 2013 com vistas a garantir a qualidade do Ensino Médio ofertado no país.

Apesar dos esforços do coordenador pedagógico, juntamente com os docentes, em atender os interesses dos alunos, percebe-se que o PPP não está devidamente implantado na escola e, como consequência do não cumprimento do mesmo, ainda existe um trabalho fragmentado e isolado. Por isso espera-se colocar em prática as ações coletivas desse projeto que foi realizado através dos problemas existentes na escola, principalmente no que se refere ao ensino-aprendizagem com o propósito de aprimorá-lo, superar o desafio de estimular o aluno a aprender e despertar o seu interesse pelas atividades escolares.

3.3 Fatores que influenciam o processo de ensino-aprendizagem

3.3.1 Motivação

Um dos principais fatores que influenciam o processo de ensino aprendizagem chama-se motivação, ela é a máquina propulsora que leva o indivíduo a querer aprender cada vez mais e a realizar qualquer atividade que lhe for proposta ou não, basta despertar o interesse e o desejo que estão internalizados no indivíduo na busca de aprender coisas novas.

Conforme Balancho e Coelho (1996), a motivação pode ser compreendida como um procedimento, sendo o meio que desencadeia ou estimula uma atitude, que ostenta e dá continuidade a uma atividade, direcionando-a para um determinado sentido.

Quando o indivíduo está motivado, realizar uma tarefa torna-se algo prazeroso e desafiador que precisa ser realizado com êxito. Por isso é a motivação essencial para estudar, responder, debater na sala de aula as tarefas de classe, estar pronto a colaborar com os trabalhos em grupos e nas atividades extraclasse.

A motivação pode ocorrer de forma intrínseca, no interior de cada pessoa e está diretamente relacionada a seus sentimentos, desejos, gostos e preferências. E de forma extrínseca que está associada ao meio em que a pessoa vive e é vinculada a algum tipo de compensação, como: premiações, elogios individuais. Esta última pode ser benéfica para uns, mas intimidar outros.

Em relação à aprendizagem escolar, há evidências de que a motivação intrínseca facilita a aprendizagem e o desempenho, pois, com esse padrão motivacional, o aluno busca envolver-se em atividades que ofereçam oportunidade para o aprimoramento de suas habilidades, concentra-se nas

instruções dadas, procura novas informações, esforça-se para organizar o novo conhecimento de acordo com os seus conhecimentos prévios, além de buscar aplicá-lo a outros contextos. Frente a novas situações de aprendizagem, o aluno intrinsecamente motivado demonstra maior retenção dos conteúdos aprendidos, sente-se confiante, frequentemente completa as tarefas escolhidas e se mostra em relação à aprendizagem, gerando expectativas positivas de desempenho e realimentando a motivação para aquela tarefa ou atividade (GUIMARÃES, BZUNECK, SANCHES, 2002, P.2).

Uma motivação eficaz e bem orientada contribui para que o ambiente da sala de aula seja agradável e a aprendizagem prazerosa, porque o diálogo flui naturalmente e todos se sentem à vontade para opinar, pois seus conhecimentos são valorizados, havendo uma relação entre professores e alunos baseada no respeito, confiança e na credibilidade de ambos.

Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. (Freire, 2015, p.120).

O entusiasmo do docente na sala de aula e o modo de conduzir as aulas, procurando atender as necessidades dos alunos, são fundamentais para fomentar a curiosidade e envolvê-los nas atividades escolares. Porém, atitudes contrárias influenciam negativamente no processo de ensino, gerando antagonismo não só pelos conteúdos expostos como também pelo professor.

Se o professor não está motivado, se não exerce de forma satisfatória sua profissão é muito difícil que seja capaz de comunicar a seus alunos entusiasmo, interesse pelas tarefas escolares, é definitivamente muito difícil que seja capaz de motivá-los (TAPIA e FITA, 2003, p.88).

Como as pessoas são motivadas de diferentes maneiras, de acordo com suas necessidades e seus valores sociais e o grande desafio é entender essas necessidades e esses valores e trabalhá-los de tal forma que venha a atender os mais variados interesses e expectativas, no caso, dos discentes.

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos, em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e alunos, é dialógica, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e

alunos se assumam epistemologicamente curiosos. O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é um desafio e não uma “cantiga de ninar” (FREIRE, 2015, p. 83,85).

É necessário resgatar os saberes que o/a aluno/a traz de seu cotidiano. Elencado o objeto do conhecimento, este não deve ser trabalhado de forma superficial e desvinculado da realidade. É preciso que seja tratado por meio de um processo que considere a interação/mediação entre educador/a e educando/a como uma via de “Mão dupla” em que as relações de ensino-aprendizagem ocorram dialeticamente.

O recurso usado no CEAL para motivar os alunos, na maioria das vezes, é o próprio professor que procura atrair a atenção do aluno com seu discurso o que nem sempre consegue. Porém observou-se que nos dias em que o professor utilizou um recurso diferente para ministrar sua aula, como: um filme ou vídeo/aula os docentes demonstraram maior receptividade em aprender.

3.3.2 Metodologia

A metodologia deve ser dialógica e contextual partindo dos conhecimentos prévios dos alunos com informação-reflexão-ação, atentando para a faixa etária dos alunos, valorizando o ensino com pesquisa e projetos interdisciplinares.

Para atingir os propósitos definidos a longo, médio e curto prazo o Centro de Ensino “Aristides Lobão” se propõe realizar: diagnóstico para descobrir a realidade dos alunos, em relação: aos conceitos, procedimentos e atitudes; atividades dinâmicas que envolvam a interação dos alunos e a socialização do conhecimento; projetos pedagógicos interdisciplinares; atividades referentes às datas comemorativo-históricas; ampliar o conhecimento sobre os conteúdos estudados através de palestras educativas.

A integração recíproca entre várias disciplinas e campos de conhecimento melhora o entendimento e forma o indivíduo em todas as suas dimensões. São os modos de se trabalhar o conhecimento que buscam uma reintegração de aspectos que ficaram isolados uns dos outros pelo tratamento disciplinar. Com isso, busca-se conseguir uma visão mais ampla e adequada da realidade, que tantas vezes aparece fragmentada.

Existem temas cujo estudo exige uma abordagem particularmente ampla, diversificada e que são trabalhados coletivamente. Alguns deles foram inseridos nos parâmetros curriculares nacionais, que os denominam *temas transversais* e os caracteriza como temas que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano.

São temas debatidos em diferentes espaços sociais, buscando soluções e/ou alternativas, confrontando posicionamentos diversos em relação às intervenções. São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, a realidade que está sendo construída e que demanda transformações macrosociais e atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos a essas dimensões.

A LDB, Lei 9394/96, no art. 24, inciso V, considera o processo de construção do conhecimento contínuo e progressivo, devendo a avaliação a ele se adequar. A aprendizagem, nesse sentido, composta de elementos de ordem subjetiva e objetiva e, portanto, deve privilegiar os aspectos qualitativos sobre os quantitativos.

A avaliação escolar está relacionada à democratização do ensino, ou seja, o acesso e a permanência do educando na escola e a conseqüente terminalidade escolar, como ensino significativo tanto do ponto de vista individual quanto do coletivo.

Avaliação do aproveitamento do/a aluno/a será atribuída pelo/a professor/a da série ou disciplina registrada, sendo diagnóstica, processual e contínua e de forma global, mediante verificação de competências e de habilidades na aprendizagem de conhecimentos, em atividades de classe e extraclasse, incluídos os procedimentos próprios de recuperação paralela e analisada pelo Conselho de Classe, se necessário.

Não podemos esquecer que a *avaliação* é parte integrante do processo ensino/aprendizagem, pois está intimamente ligada a formação dos educandos em todas as suas dimensões. Segundo Perrenoud (1999), a avaliação da aprendizagem, no novo paradigma, é um processo mediador na construção do currículo e se encontra intimamente relacionada à gestão da aprendizagem dos alunos.

Na avaliação da aprendizagem, o professor não deve permitir que os resultados das provas periódicas, geralmente de caráter classificatório, sejam

supervalorizados em detrimento de suas observações diárias, de caráter diagnóstico.

3.3.3 Elementos socioeconômicos

O desinteresse dos alunos do CEAL do 1º ano, do turno vespertino, está, também, ligado a fatores sociais do meio em que vivem tais como família, economia, trabalho, desemprego, grupo de amigos e a falta de perspectiva de uma vida melhor proveniente dos estudos escolares.

A falta de recursos financeiros contribui muito para aumentar o desinteresse dos alunos, muitos são obrigados a trabalhar desde cedo, ganhando muito pouco para ajudar nas despesas de casa; e quando chegam à escola estão cansados, desmotivados, não interagem com as atividades de classe e/ou quando não ficam retraídos, procuram se distrair com as conversas paralelas ou nas redes sociais usando o celular às escondidas.

As pessoas com quais convivem, no seu meio social, também apresentam as mesmas convicções, não querem estudar, se encontrar um trabalho, ótimo, se não, fazem um bico, participam de festas, e aceitam sem questionar, nem lutar por mudanças significativas as condições que lhe são impostas pela sociedade.

As escolas públicas, em sua maioria, são pouco atraentes, não estimulam a imaginação criadora e oferecem pouco espaço para novas experiências, sociabilidades, solidariedades, debates públicos, atividades culturais e informativas ou passeios que ampliem os territórios de conhecimento (CARRANO, 2010, p. 145).

Faltam ao aluno o incentivo e o estímulo necessário, para que ele sinta realmente que por meio da educação escolar, pode haver uma transformação atitudinal em sua vida. Pois se dedicando aos estudos, poderá formar-se, conseguir um bom emprego ou profissionalizar em alguma área técnica e exercer atividades rendáveis que irão melhorar seu poder aquisitivo.

A escola precisa estar apta para trabalhar com as adversidades e despertar no aluno o gosto de aprender, elevando a sua autoestima e fazendo com que ele perceba que através da aquisição de conhecimentos se tornará confiante e preparado para trilhar novos rumos e desfrutar dos benefícios dessa caminhada.

3.4O trabalho do coordenador pedagógico no Centro de Ensino Aristides Lobão diante do desinteresse dos jovens pela escola

O Centro de Ensino Aristides Lobão, ainda que lentamente, vem desenvolvendo atividades que envolvem a escola e a comunidade, como: realização de palestras, trabalhos dos alunos realizados no rio Parnaíba, arborização de ruas, grupos religiosos, pesquisando e redigindo textos sobre os conhecimentos adquiridos. Esse trabalho aproxima o ensino escolar do meio social dos alunos, porém muito precisa ser feito e de forma planejada.

O coordenador pedagógico é o articulador da aprendizagem, tem a função de manter o entendimento do grupo, fortalecê-lo e estar apto a ajudar a resolver os entraves que surgem no cotidiano escolar, buscando novas técnicas e métodos de ensino que proporcione a aprendizagem dos educandos, sendo essa prática constante no trabalho do coordenador.

O coordenador e os docentes precisam interagir nessa ação de buscar novas estratégias de ensino, conhecer todas as possibilidades disponibilizadas pela tecnologia, celulares, notebook, computadores, a fim de se aproximar mais da realidade social dos alunos e desenvolver um trabalho no ambiente escolar para despertar o interesse desses jovens que atualmente passam horas e horas nas redes sociais.

De acordo com Oliveira (2016), embora o coordenador pedagógico trabalhe em uma escola democrática, as ações democráticas de sua equipe não dependem somente da realização de trabalhos coletivos, mas também da intensificação dos espaços e práticas comunicacionais, pois essas práticas deixam a comunidade inteirada de tudo que acontece na escola e estimula-a a participar, dividir e negociar concepções para a escola.

Porém, falta ainda no CEAL ativar os espaços comunicacionais como o conselho de classe, associação de pais e funcionários e grêmios estudantis, não só para manter a comunidade escolar informada, mas para serem sujeitos agentes fora do ambiente escolar, a fim de interagir com os pais e os grupos sociais para que sejam partes integrantes dos projetos escolares, ou seja, interligar a educação formal, não-formal e informal democraticamente.

A educação formal ocorre na escola onde se espera que exista uma aprendizagem efetiva, a informal na família, vizinhos, no encontro casual com

amigos, não se espera resultados, é espontânea e a não-formal ocorre fora da escola em locais que existe métodos interativos e intencionais.

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. (GONH, 2006, p.29).

É fundamental haver essa comunicação entre a escola e a comunidade, pois o conhecimento transcende os muros da escola e os docentes que convivem com muitas informações novas, precisam dessa interação com o social, com seu meio cultural para que se sintam estimulados a aprender e a participar das atividades escolares.

Essas atividades devem estar inseridas no PPP da escola. Este deve ser elaborado com a participação da comunidade escolar e local para que as suas ações vá de encontro aos alunos e, assim, desenvolver um ensino de qualidade e estimulador da aprendizagem.

Acerca do que foi acima exposto, encontramos embasamento na LDB (1996) nos seus artigos de 12 a 14, como estão descritos logo a seguir.

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns, as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

I - elaborar e executar sua proposta pedagógica;

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de:

I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Nesse sentido a LDBestabelece, ainda, que o ensino seja ministrado com bases nos princípios: “igualdade de condições para o egresso e permanência na escola, liberdade de aprender, pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, respeito à liberdade, gratuidade do ensino público, valorização do profissional, gestão democrática do ensino público, garantia do padrão de qualidade, valorização das experiências extraescolares, vinculação entre educação escolar, o trabalho e as práticas sociais”.

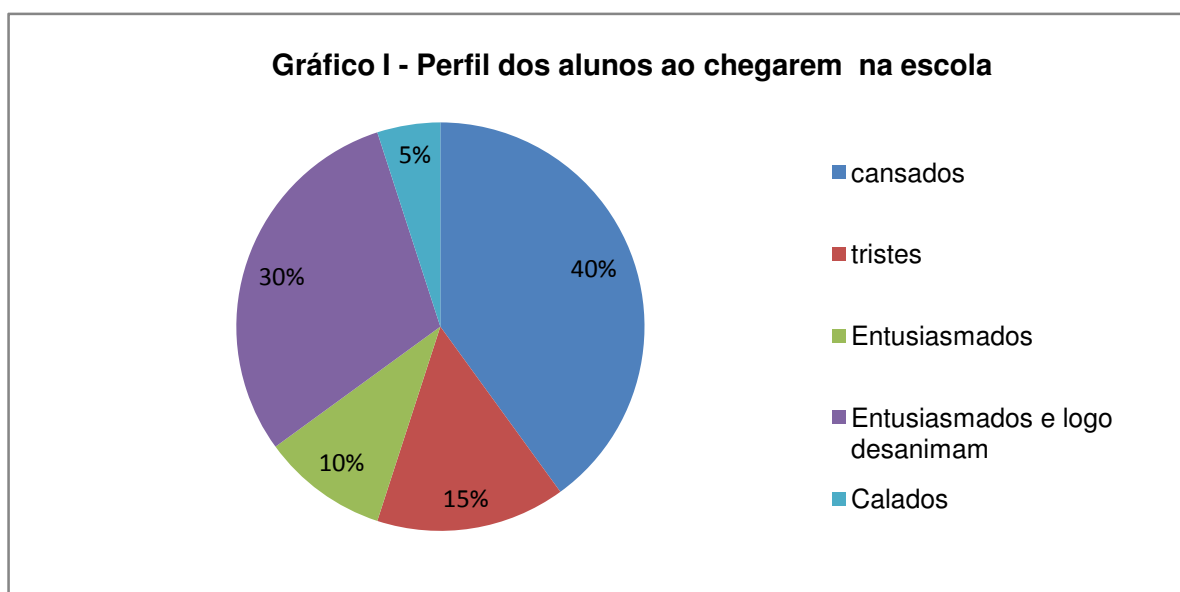
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O resultado da análise dos dados foi obtido a princípio através da observação dos alunos na sala de aula, onde foi aplicado um questionário em uma amostragem de 30 alunos no universo de 311, para obter informações concretas e subjetivas sobre o desinteresse destes na sala de aula.

4.1 Perfil dos alunos

De acordo com Freire (2015), o ensino deve partir da leitura de mundo que os alunos trazem consigo e, portanto ensinar exige conhecer a realidade social dos docentes e a sua relação com o seu meio para que assim a escola possa atender as suas necessidades.

Ao analisar os dados da pesquisa, como segue no gráfico I, identificou-se que 40% dos alunos/as chegam cansados na escola por trabalharem no contraturno, pois precisam trabalhar para comprar seus pertences e ajudar nas despesas de casa, outros por morarem distante; 15% tristes, devido os desajustes familiares; 5% permanecem calados na classe durante toda a aula; 10% dos jovens são animados e dispostos a interagir com a aula, e 30% sem entusiasmo por não se sentirem estimulados a aprender.

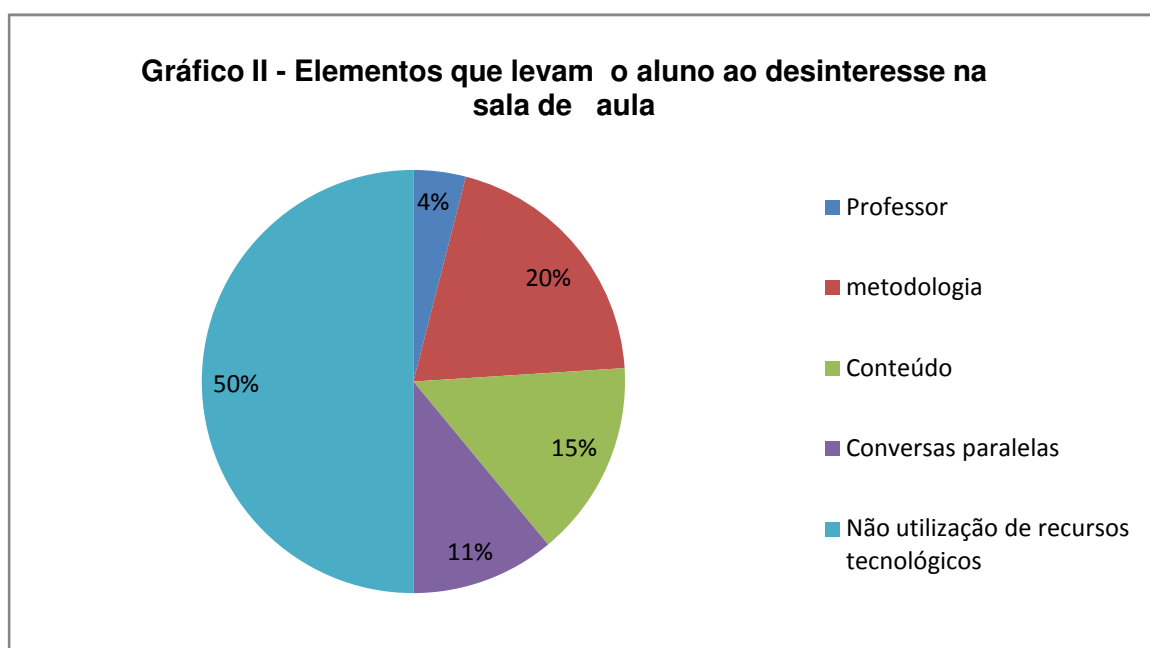


Fonte: própria baseada em dados da pesquisa

4.2 Elementos que levam os alunos ao desinteresse na sala de aula

De acordo com Dayrell(2007),os desafios e as preocupações atuais dos jovens com a escola, não se limitam somente a escola ou ao jovem, são decorrentes das transformações sociais que o influenciam e adentram as instituições educativas,provocando mudançasno processo de formação do indivíduo.Com isso a instituição de ensino precisa ser repensada para quepossa utilizar novas estratégias de ensino e estar apta aresponder esses desafios.

No gráfico II analisamos os elementos que fazem com os alunos percam o interesse durante o processo ensino e aprendizagem e foi possível observar que as aulas se restringem, quase sempre, ao professor e ao livro didático. Ações repetitivas como essasdesencadeiam o desinteresse dos alunos que anseiampor novos métodos e instrumentos modernos quecondizem com a sua condição juvenil.



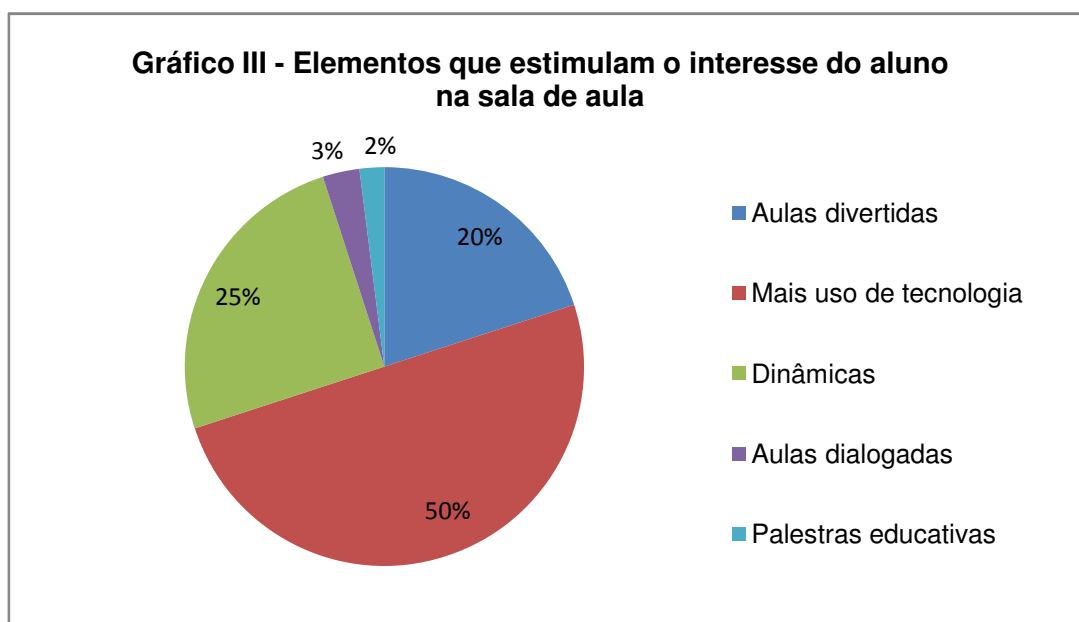
Fonte: própria baseado em dados da pesquisa

Diante dos resultados podemos constatar que 4% associam o desinteresse na sala de aula à pessoa do professor; 15% consideram os conteúdos difíceis; outros 15% não entendem a explicação do mestre ao repassar a matéria; 10% relaciona esse problema às conversas paralelas e 56% gostariam que os recursos tecnológicos modernos, fossem utilizados nas aulas.

4.3 Elementos que estimulam o interessado aluno na sala de aula

Segundo Dayrell (2007), “O jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferenciam e muito das gerações anteriores.” Os docentes não querem mais as aulas tradicionais onde o professor ensina por meio do livro didático, apostila e/ou quadro (de giz ou acrílico) e eles ficam na posição de meros espectadores aprendizes, de uma vez que estão atraídos e influenciados pelos avanços e inovações da telecomunicação e da informática.

Ao indagar os alunos sobre o que poderia ser feito para que eles se interessassem pelas aulas, constatou-se que a tecnologia vem em primeiro lugar como mostra os resultados do gráfico a seguir.

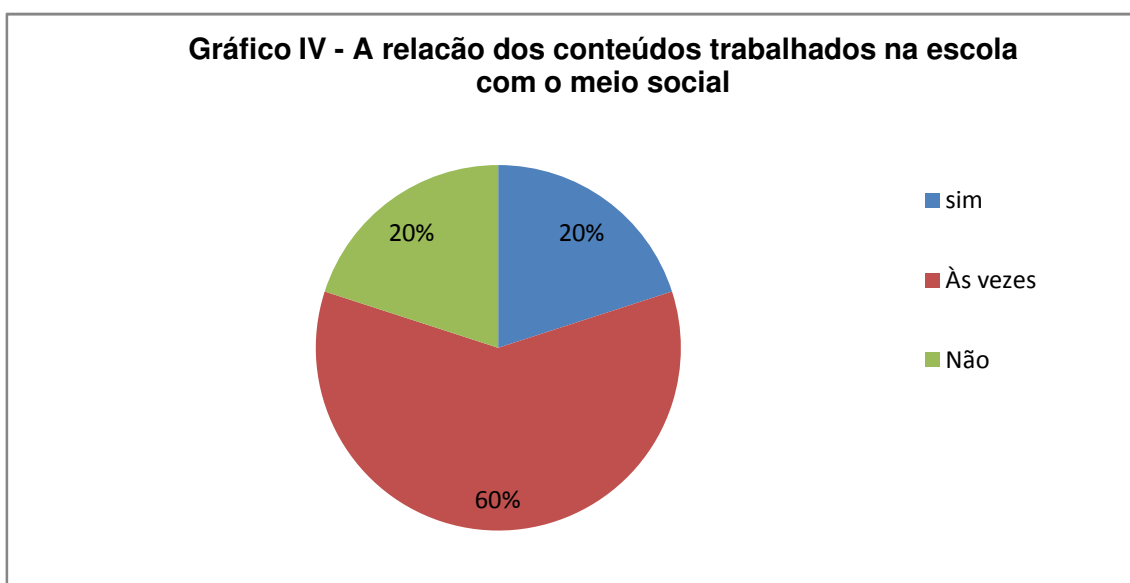


Fonte: própria baseado em dados da pesquisa

Percebe-se que 50% dos discentes sentem-se atraídos pela tecnologia e desejam-na em sala aula, acreditam que aprenderiam mais rápido e com satisfação; enquanto 25% querem uma aula dinâmica, mas não explicam como seria esse dinamismo; já 20% gostariam que existisse mais diversão na hora de aprender, que as aulas fossem mais descontraídas. Por outro lado, 3% reclamam da falta de diálogo entre professor/aluno e 2% acham que deveriam ter mais palestras educativas para que os conteúdos fiquem mais esclarecidos.

4.4 A relação dos conteúdos trabalhados na escola e o meio social

Quanto aos conteúdos trabalhados na sala de aula e a vivência social dos alunos, analisando o gráfico IV, detectou-se que 20% dos alunos/as associam esses conteúdos com seu meio social, têm consciência que precisa estudar mais, buscar os conhecimentos necessários para acompanhar e discutir sobre os acontecimentos sociais, porém 60% nem sempre consegue fazer essa associação e como não conseguem ver sentido na aprendizagem, acabam ficando desmotivados. Por outro lado 20%, não sabem se já ouviu ou viu algo parecido. Para estes os conteúdos são apenas escolares, não vão praticá-los no seu cotidiano, pois a sua realidade e a sua vivência é bem diferente do que aprende na escola.



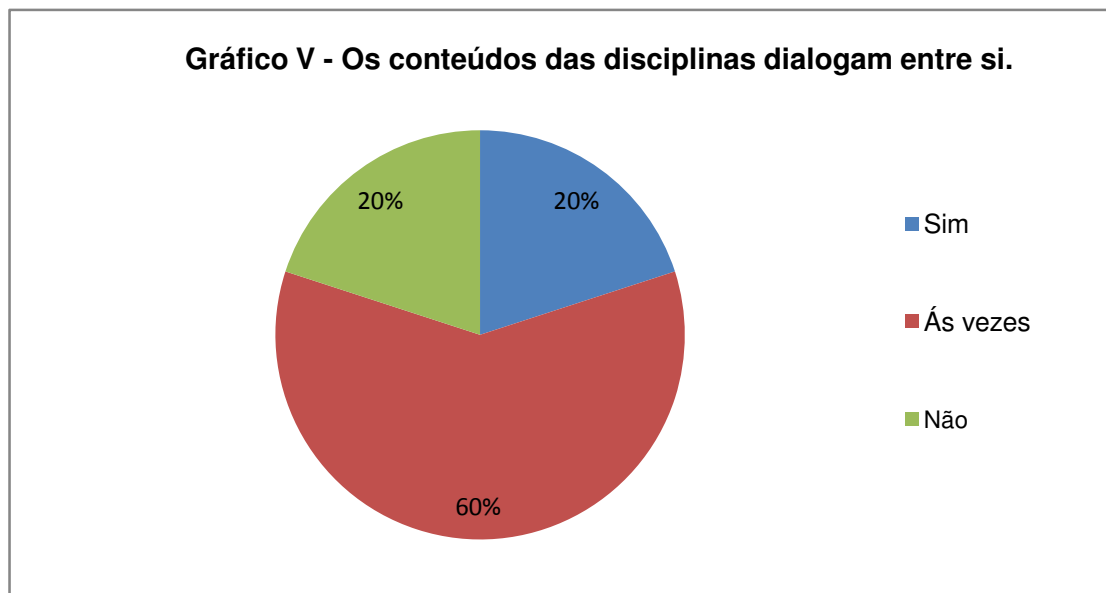
Fonte: própria baseada em dados da pesquisa

A escola precisa contextualizar os conteúdos com o meio social dos alunos para que possam aprender significativamente e encontrar respostas para uma série de perguntas que fazem ao professor e a si mesmo, como: qual a utilidade desses conteúdos para a minha vida, onde vou poder utilizá-los e, se não encontram as respostas, dizem logo que não lhes fazem falta, pois não usam e não praticam nas suas atividades diárias. Por essa razão os conteúdos ensinados na escola devem ultrapassar os muros da escola e atingir a realidade socioeconômica e cultural dos nossos alunos.

4.5 Os conteúdos das disciplinas dialogam entre si

Moreira e Candau(2008), afirma que se pode planejar de forma coletiva na escola um mesmo tema para ser trabalhado em diferentes disciplinas. Partindo desse princípio, como mostra o gráfico V, procurou-se investigar se os conteúdos dialogam entre si na forma como são expostos pelos professores na sala de aula.

Segue abaixo os resultados obtidos com a análise dos questionários aplicados com os alunos.



Fonte: própria baseada em dados da pesquisa

Quando questionados se os conteúdos das disciplinas do currículo dialogam entre si, 20% dos alunos afirmam que não, pois cada professor tem seus conteúdos e cada disciplina é diferente uma da outra, entretanto 20% afirmam que sim, pois a professora de artes trabalha assuntos de português no que se refere à literatura, assim como o professor de inglês e já estudaram alguma coisa de história em sociologia, enquanto que 60% não percebe isso com frequência e afirmam que se a matéria fosse trabalhada em conjunto pelos professores eles aprenderiam melhor, pois quando um professor abordasse determinado assunto, explicaria algo já conhecido ou acrescentaria algo novo a esse conhecimento dos alunos. Isso ajudaria muito, pois os conteúdos ficariam mais fáceis de estudar.

4.6 Conteúdos que gostariam que fossem trabalhados na sala de aula

Conforme Pimenta (1993), “A sala de aula é definida por aquilo que vai além de suas paredes, por que em certa medida é influenciada pelos fatores externos que interfere para além de suas paredes”. Isso significa que a escola não pode ministrar conteúdos isolados da realidade social dos alunos, como se fosse dois mundos diferentes, logo o trabalho da sala de aula deve ser uma extensão do meio social dos alunos.

Os docentes demonstram interesse em discutir assuntos que circulam na sua comunidade e, que também são notícias nacionais difundidas nos meios de comunicação, principalmente nas redes sociais, locais mais visitados por eles.



Fonte: própria baseada em dados da pesquisa

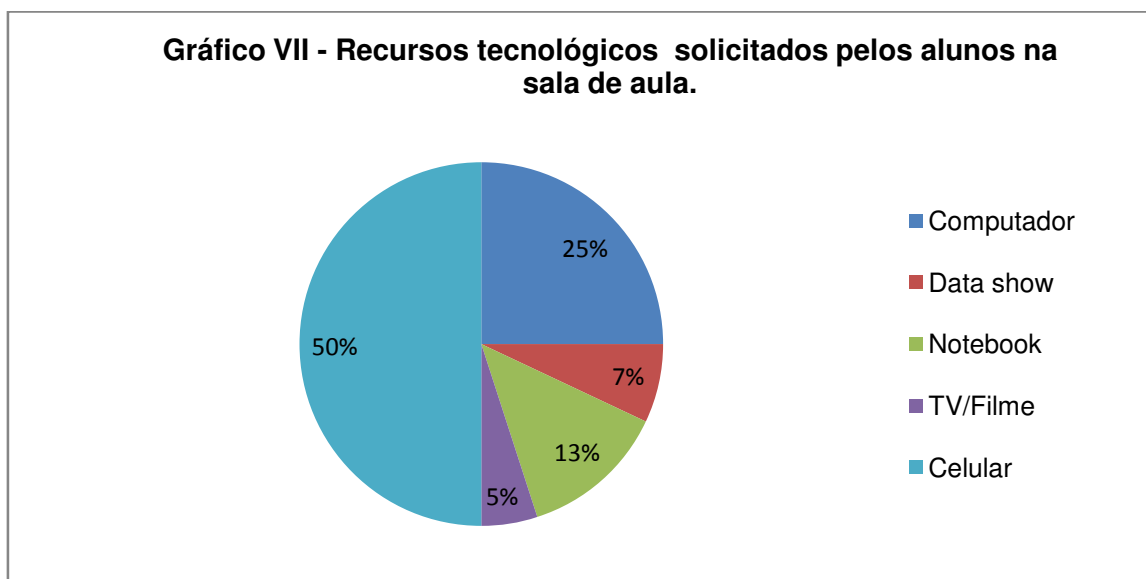
Em relação aos conteúdos que circundam a comunidade dos alunos/as e que gostariam que fossem trabalhados na sala de aula, 30% apontaram política, devido às eleições que se aproxima no dia 03 de outubro do corrente ano e que é muito disputada no município. Já 20% preferiu violência porque acontece, constantemente, no meio em que vivem e no mundo; enquanto que 8%, gostariam que trabalhasse a questão do bullying, porque essa prática acontece muito nas escolas, 10% comércio, uns por trabalharem nesse ramo, outros por visarem esse emprego e 10% não sabem. Os demais alunos/as apenas apontaram os conteúdos a seguir: 8% religião, 7% consumismo, 7% esporte.

4.7 Recursos tecnológicos solicitados pelos alunos na sala de aula

No que diz respeito à cultura dos jovens, Dayrell (2007) afirma, “ganha relevância a ostentação dos aparelhos eletrônicos, principalmente o MP3 e o celular, cujo impacto no cotidiano juvenil precisa ser mais pesquisado”.

Atualmente a importância desses aparelhos para os jovens vem se intensificando cada vez mais, sendo, no caso, o celular o mais apreciado por eles.

E ao serem questionados sobre os recursos tecnológicos que eles gostariam que fossem utilizados no processo ensino-aprendizagem, para que as aulas fossem mais atrativas e se interessassem pelos conteúdos apresentados, a resposta predominante foi o celular, pois para eles é um recurso em que podem pesquisar qualquer assunto. Isso de conforme o gráfico a seguir:



Fonte: própria baseada em dados da pesquisa

Constatou-se que o celular é um dos recursos tecnológicos mais solicitados pelos alunos, 50% gostariam de utilizá-lo na sala de aula, pois quase todos dispõem de um aparelho, sendo capaz de tirar toda a atenção dos alunos, caso tragam-no para a escola. Segundo eles o celular deveria ser utilizado assim como um computador ou um notebook. Para tanto os discentes devem estar aptos a trabalhar com esse instrumento e os docentes conscientes do seu uso. Em contrapartida 25% optaram pelo computador e 13% notebook; 7% data show, 5% tv/filme e que a escola deveria dispor de todos esses recursos, além da internet.

4.8 Proposta de intervenção do trabalho do coordenador pedagógico:

Diante dos fatos mencionados ao longo desse trabalho e da real função do articulador da aprendizagem elaborou-se uma proposta de intervenção do trabalho do coordenador pedagógico na escola, com a comunidade escolar, a ação pedagógica, os espaços comunicacionais e recursos pedagógicos e o trabalho coletivo. Esta proposta norteará suas ações durante todo o ano letivo, podendo sofrer alterações conforme as necessidades da Instituição de Ensino.

1. O coordenador pedagógico e a comunidade escolar

- ✓ *Estabelecer entre a escola e a comunidade um espaço dialogal que trabalhe com o multiculturalismo e o respeito às diferenças;*
- ✓ *Conduzir e assegurar a atuação democrática efetiva e participativa do Conselho Escolar e do Grêmio Estudantil na construção do PPP, estendido a toda comunidade escolar;*
- ✓ *Integrar as diferentes áreas pedagógicas da escola em torno de um ideário educacional comum, visão, missão e valores da escola, envolvendo-a num clima de interesse pela busca do conhecimento como meio para a resolução dos problemas da comunidade escolar;*
- ✓ *Promover um ambiente educativo e de aprendizagem, orientado por elevadas expectativas de rendimento escolar, organizando feiras científicas e culturais, eventos esportivos, gincanas, projetos, pesquisas, rodas de conversa, debates, produções, entre outros com forte estímulo ao protagonismo juvenil;*
- ✓ *Estimular todos os segmentos da escola a envolverem-se nos projetos escolares, firmando parcerias com a comunidade, visando à melhoria do ensino da escola e promovendo a aprendizagem e formação integral dos alunos;*
- ✓ *Encorajar e orientar a participação dos membros menos ativos, levando-os a apresentar suas contribuições, interesses e/ou necessidades para o desenvolvimento do grupo e de si mesmo estabelecendo, uma cultura de valorização das capacidades, realizações e competências das pessoas como um valor coletivo da escola e da educação;*

- ✓ *Promover práticas de co-liderança, compartilhando responsabilidades e espaços de ação entre os participantes da comunidade escolar, delegando atribuições a todos os envolvidos na tarefa educativa;*
- ✓ *Promover a integração da comunidade escolar por meio do Conselho Escolar e Grêmios estudantil para a realização de atividades de caráter pedagógico, científico, social, cultural e esportivo;*
- ✓ *Buscar a parceria da escola com programas educacionais diversos, assim como, os de outras áreas: saúde, esporte, assistência social, cultura, dentre outras, objetivando o fortalecimento da identidade do educando com sua comunidade.*

2. O coordenador pedagógico e a ação pedagógica

- ✓ *Valorizar todos os integrantes da escola para se sentirem estimulados;*
- ✓ *Reunir de forma interativa a educação formal, informal e não formal para aproximar o ensino ao meio social do aluno;*
- ✓ *Contextualizar conteúdos com a realidade dos alunos;*
- ✓ *Proporcionar aos docentes uma visão abrangente do trabalho pedagógico a partir de um planejamento que leve em conta o contexto escolar e a diversidade;*
- ✓ *Estimular a promoção da aprendizagem dos alunos e sua formação para a cidadania com respeito ao meio ambiente;*
- ✓ *Orientar a ação de todos os participantes da comunidade escolar pelas proposições do Projeto Político-Pedagógico;*
- ✓ *Desenvolver ações pedagógicas com vistas à superação de dificuldades e desafios;*
- ✓ *Criar na escola um ambiente motivador orientado por elevadas expectativas de aprendizagem e desenvolvimento, garantindo letramento em todas as disciplinas;*
- ✓ *Identificar e analisar as limitações e dificuldades das práticas pedagógicas no seu dia-a-dia, socializando com todos os professores;*
- ✓ *Elaborar e introduzir perspectivas de superação mediante estratégias de orientação pedagógica;*

- ✓ *Desenvolver uma cultura de avaliação e autoavaliação contínua de desempenho, que corresponda à prevenção contra as condições de dispersão em relação aos objetivos de aprendizagem;*
- ✓ *Estimular e proporcionar a formação continuada aos docentes.*
- ✓ *Definir padrões de qualidade para as práticas pedagógicas escolares, com visão abrangente e de futuro, de acordo com as demandas de formação promovidas pela dinâmica social e econômica do município;*
- ✓ *Promover o intercâmbio de acadêmicos dos cursos de Licenciatura e outros para dinamizar o espaço escolar, colocando os alunos para participarem das pesquisas realizadas pelos acadêmicos numa mobilização em torno da pesquisa científica;*
- ✓ *Promover na escola a aprendizagem dos alunos com foco na realização do papel social da escola com equidade e qualidade das ações pedagógicas;*

3. O coordenador pedagógico, espaços comunicacionais e recursos pedagógicos

- ✓ *Manter a comunicação, a interação e a integração entre os sujeitos da escola;*
- ✓ *Ativar os seus espaços comunicacionais para manter a comunidade escolar informada sobre as atividades da escola, com a finalidade de surgir o interesse e a participação das mesmas;*
- ✓ *Utilize os ambientes comunicacionais para que além dos sujeitos, a comunicação possa ser feita através de cartazes nas áreas da escola, reuniões no pátio e uso do laboratório de informática;*
- ✓ *Efetivar os órgãos deliberativos que são importantes não só para atuarem nas decisões da escola, como também serem agentes comunicativos na coparticipação dos projetos escolares; Conectar com os grupos sociais locais para que o aluno aprenda de forma prazerosa, pois estes fazem parte do social ou do cotidiano dos alunos;*
- ✓ *Trabalhar em prol da organização, conservação dos recursos didáticos da escola;*
- ✓ *Promover a utilização plena dos recursos e equipamentos disponíveis na escola, para a realização do trabalho pedagógico, mediante planejamento sistemático dessa utilização;*

- ✓ *Assegurar a correta utilização de materiais pedagógicos, a necessidade de compras e obtenção desses materiais;*
- ✓ *Utilizar tecnologias da informação na organização e melhoria de processos de ensino-aprendizagem;*
- ✓ *Promover a utilização plena dos espaços, equipamentos e recursos didáticos aos professores e alunos.*

4. O coordenador pedagógico e o trabalho coletivo

- ✓ *Trabalhar as relações interpessoais e coletivas dos atores da escola para que a convivência entre eles seja harmoniosa e respeitosa.*
- ✓ *Trabalhe de forma coletiva e interdisciplinar;*
- ✓ *Desenvolver com um claro entendimento o papel da escola na educação dos alunos e sobre o papel de todos na realização de projeto político-pedagógico competente;*
- ✓ *Promover a prática de bom relacionamento interpessoal e comunicação entre todas as pessoas da escola, estabelecendo canais de comunicação positivos na comunidade escolar;*
- ✓ *Auxiliar na interpretação de significados das comunicações praticadas na comunidade escolar, fazendo-as convergir para os objetivos pedagógicos;*
- ✓ *Sensibilizar todos os componentes da escola, motivando e mobilizando talentos;*
- ✓ *Proporcionar a formação de espírito de equipe a partir das interações que ocorrem no interior da escola, que são naturalmente orientadas por múltiplos interesses;*
- ✓ *Procurar superar eventuais conflitos, equacionando as motivações em torno dos objetivos educacionais, voltados para os educadores e educandos;*
- ✓ *Promover e orientar a troca de experiências entre professores e sua interação, como estratégia de capacitação em serviço, desenvolvimento de competência profissional e melhoria de suas práticas;*
- ✓ *Promover um bom relacionamento com os outros e expor com dinamismo um ponto de vista ou fazer alguma crítica ao trabalho do outro;*
- ✓ *Ampliar o nível de conscientização acerca dos direitos humanos para que o papel social da escola se defina concretamente nas práticas educativas.*

Colocando essas propostas em prática, o coordenador pedagógico estará envolvendo toda a comunidade escolar com o trabalho pedagógico da escola, além da integração da comunidade extraescolar, ambas interagindo entre si na construção desse processo.

Com esse trabalho, coletivo e dialogado, a escola terá estrutura para enfrentar os problemas de indisciplina, de desinteresse e falta de estímulo por parte dos profissionais da educação e dos discentes e, assim, obter um ensino de qualidade, capaz de construir os conhecimentos necessários para formar cidadãos críticos e conscientes para exercer a sua cidadania.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se analisar o conceito de ensino-aprendizagem e fatores relevantes que o influencia, motivação, metodologia e elementos socioeconômicos dos alunos. Investigou-se também o trabalho do Coordenador Pedagógico, apresentando conceitos e função desse profissional na escola. Além da relação entre a educação formal e a não formal, pois essa proximidade contribui tanto para a melhoria do ensino, como para despertar o interesse dos alunos que passa a desenvolver atividades escolares com o seu meio social.

A sociedade contemporânea é muito complexa, nela percebem-se muitos conflitos e mudanças de valores diferenciados entre si, provenientes da política socioeconômica do país, chegando à escola através de grupos familiares e comunitário, influenciados por fatores externos que circulam o meio social diuturnamente, como: as mídias, a tecnologia, o consumismo e até mesmo a violência. O estilo de vida desses grupos é levado para o interior da escola, constituindo um espaço de múltiplos comportamentos, necessidades, conhecimentos e interesses diversos.

Diante disso a escola não pode mais se prender a um modelo arcaico de educação homogênea onde só ela determina o que é melhor, sendo detentora do conhecimento e da verdade onde todos são subordinados a um ensino pré-estabelecido, às normas e regras impostas por ela, trabalhando em uma mesma dimensão, ignorando os costumes da comunidade nos quais está inserida e as diferenças individuais de seus membros.

É inconcebível uma instituição que trabalha em uma linha vertical onde o ensino parte de cima para baixo, adotando um currículo totalmente desvinculado da realidade do aluno, distanciando-o cada vez mais da escola, gerando, assim, novos conflitos como: indisciplina, desinteresse, falta de entendimento entre a comunidade escolar e extraescolar, aumentando o número de desistência.

É preciso que se tenha uma nova escola, onde é imprescindível a presença do coordenador pedagógico para articular o trabalho de ensino-aprendizagem entre os docentes e discentes em uma linha horizontal, subjetiva e democrática, onde os conhecimentos transponham muros da escola. De acordo com Tragtenberg, (2001) não existe trabalho democrático se a escola não for democrática, por isso a

democratização da escola é fundamental e deve ser imediata, porque ela educa o homem para viver plenamente na sociedade.

Essa escola deve ser dinâmica e emancipatória para conhecer e trabalhar com a estreita relação que existe entre as condições internas do sujeito, suas características individuais e seu ambiente social.

Para isso a escola deve construir seu próprio projeto político pedagógico, alicerçado na realidade crítica social do meio ao qual pertence no compromisso e envolvimento de toda comunidade escolar e extraescolar, em um trabalho coletivo e interdisciplinar sob a intermediação do coordenador pedagógico, profissional qualificado para a construção desse trabalho heterogêneo e inacabado.

Esse trabalho participativo precisa ser mobilizado, incentivado e dinamizado para que todos de diferentes níveis e instâncias sejam conhecedores e agentes da sua elaboração.

Os professores têm esse conhecimento e procuram reverter o quadro atual da escola, mas sentem-se angustiados, pois lhes falta um trabalho articulado e democrático para construir um currículo onde os conhecimentos científicos sejam descontextualizados e contextualizados com a realidade social dos nossos alunos, a fim de que possam comparar, analisar e refletir sobre as diversas maneiras e possibilidades de vivências e convivências sociais.

Logo para que todos tenham um ensino elevado, é preciso ter uma escola democrática, que preze pelo trabalho coletivo onde o coordenador pedagógico no âmbito de suas atribuições, tenha autonomia para qualificar e reunir os docentes, compartilhar ideias, manter a comunidade escolar e extraescolar participativa nas ações da escola e possa estar sempre motivando o grupo, para que não perca o entusiasmo frente aos problemas, sendo um ponto de apoio e equilíbrio do grupo, cumprindo seu papel de articulador, transformador e formador da aprendizagem em uma sociedade multiculturalista com necessidades e aspirações distintas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.R. de; PLACCO, V. M.N. S. **O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade**. São Paulo: Loyola, 2ª ed. 2007.

ARROYO, M. G. Pedagogias em Movimento – O que temos a aprender dos movimentos Sociais? **Currículo sem Fronteiras**.v.3, n.1, pp.28-49, jan/jun. 2003. Disponível em <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/arroyo.pdf>>. Acesso em 13jul 2016.

BALANCHO, M. J. S.; COELHO, F. M. **Motivar os alunos, criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas**. 2. ed. Porto, Portugal: Texto, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**.Outorgada em 5 de dezembro de 1988.

CARRANO, P. **Juventudes: as identidades são múltiplas**. Revista Movimento, Faculdade de Educação da UFF, n. 1, p. 11-27, 2000.

CASSALI, A. Fundamentos para uma avaliação educativa. In: CAPPELLETTI, I, F. **Avaliação da aprendizagem: discussão de caminhos**. São Paulo: editora Articulação universidade/escola, 2007.

CORTELLA, M. S. **A Escola e o conhecimento escolar. Reflexão sobre fundamentos epistemológicos e políticos dessa relação**. São Paulo, 1997, p.104. Disponível em <http://pt.slideshare.net/rochamendess82/a-escola-e-o-conhecimento-mario-sergio-cortella-acervo-paulo-freire>>. Acesso em 02 set 2016.

DALMÁS,Â..**Planejamento participativo na escola: Elaboração e avaliação**. Petrópolis: RJ, 1994.

DAYRELL, J.**A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. 2007. Disponível em <http://.scielo.br/pdf/>>.Acessado em 04fev2016.

DAMIANI, M. F.**Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios**. Curitiba: Educar em Revista, n. 31, p. 213-230, 2008. Editora UFPR.

FERREIRA, N. S. C. **Repensando e ressignificando a gestão democrática da educação na “cultura globalizada”**. Educação e Sociedade, dez. 2004, vol.25, no.89, p.1227-1249.

FERRETTI, C.J. ARAÚJO, R.L. FILHO, D. L. L. **Formação de Professores do Ensino Médio, Etapa I - Caderno V: Organização e gestão democrática na escola** / Ministério da Educação Básica; 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 52ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GAZETA DO POVO. **O desafio de usar a tecnologia a favor do ensino**. Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-desafio-de-usar-a-tecnologia-a-favor-do-ensino-ealmosp83vcnzak775day3bi>>. Acesso em 30ago 2016.

GONH. M. G. **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Disponível em: www.proceedings.scielo.br/scielo.php?Pid...script=sci_arttext>. Acesso em 10 jul 2016.

GUIMARÃES, S. É. R.; BZUNECK, J. A.; SANCHES, S. F. **Psicologia educacional nos cursos de licenciatura: a motivação dos estudantes**. Psicologia Escolar e Educacional, Volume 6, número 111-19, 2002.

KENSKI, V. M. **Novos processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias**. Cadernos de Pedagogia Universitária. Pró-Reitoria de Graduação, São Paulo: 2008.

LIMA, P. G.; SANTOS, S. M. O coordenador pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas. In: **Educare Revista da Educação**. São Paulo: 2007, vol. 2 nº 4 juldez/2007. P. 77-90.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. Coleção 2º grau. Série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** Disponível Pátio On-line Pátio. Porto alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12 fev/abr. 2000. Disponível em: <http://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2511>>. Acesso em 20ago2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Lei nº9394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação Nacional. Brasília, DF; MEC, 1996.

MORA, E. **Psicopedagogia, infanto-adolescente, puberdade e adolescência – dos nove aos dezesseis anos**. Cultura, S.A. 2007.

MOREIRA, A.F. B; CANDAU, V. M. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Organização do documento JeaneteBeauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação Básica, 2008.48p.

_____. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Rev. Bras. Educ. 2003, n.23.

NEVES, M. L. P. **Sala Ambiente Metodologia do Trabalho Científico**. Apostila do curso de coordenação pedagógica. São Luís – MA, junho de 2015.

PERRENUOD, P. **Avaliação - Da excelência a regulação das aprendizagens: entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PIMENTA, S. G. **Questões sobre a organização do trabalho na escola**. Ideias, São Paulo, v. 16, p. 78-83, 1993. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_16_p078-083_c.pdf>. Acesso em 30jun 2016.

PARO V. H. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 2002.

RAPOSO, M.; MACIEL, D. A. **As interações professor-professor na co-construção dos projetos pedagógicos na escola**. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v.21, n.3, Set-Dez 2005, p. 309-317.

REVISTA NOVA ESCOLA. **Como proceder com alunos desmotivados. Sugestões para pais e professores**. Disponível em <http://educador.brasilecola.uol.com.br/sugestoes-pais-professores/como-proceder-com-alunos-desmotivados.htm>>. Acesso em 12ago2016.

SAVIANI. D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1991.

SIMOES, C. A.; SILVA, M. R. **O Currículo do Ensino Médio, seus sujeitos e o desafio da formação humana integral**. Curso de formação continuada: Pacto pelo Fortalecimento do Ensino Médio. Etapa I, caderno III. Brasil Ministério da Educação, 2014.

SOARES, I. O. **Uma educomunicação para a cidadania**. Disponível em: www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf>. Acesso em 15jul2016.

SOUZA, Â. R. [et al.]. **Gestão democrática da escola pública**. Universidade Federal do Paraná, Pró-Reitoria de Graduação e Ensino Profissionalizante, Centro Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores; Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - Curitiba: Ed. da UFPR. 2005. 68 p. - (Gestão e avaliação da escola pública; 1).

SOUZA, A. L. L. **Sala ambiente políticas educacionais e gestão pedagógica**. Curso de Pós-Graduação Lato sensu em coordenação pedagógica. São Luís-MA, 2015.

SETTE, S. S. **A tecnologia contribuindo e democracia das para uma escola cidadã – Por uma nova cultura de participação e democracia das relações na escola** – Série Retratos da Escola. Brasília: MEC/Salto para o futuro, 2005.

TAPIA, J.A. Contexto, motivação e aprendizagem. In: TAPIA. J.A; FITA. E.C. **A motivação em sala de aula: o que é e como se faz**. 5ed. São Paulo: Loyola, 2003.

TRAGTENBERG, M. **Relações de poder na escola**. Revista Espaço Acadêmico, Ano I, nº 7, dezembro de 2001.

THURLER, M. G. **A Eficácia nas escolas não se mede: ela se constrói, negocia-se, pratica-se e se vive**. In: Sistemas de avaliação Educacional. São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais, 1998.

ANEXO A -Carta de apresentação da pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA.

Prezada Gestor (a):

Meu nome é ISABEL CRISTINA MOREIRA REIS e sou cursista do **Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica**, da Escola de Gestores/UFMA, sob orientação da Professora Aldenora Resende dos Santos Neta. Minha pesquisa versa sobre Coordenação pedagógica com o título provisório de: **O DESINTERESSE DOS ADOLESCENTES DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO PELA ESCOLA: o trabalho do coordenador pedagógico na intervenção desse quadro.**

Nesse sentido, visando ao aprofundamento das pesquisas bibliográficas e documentais realizadas, e objetivando o aprofundamento do estudo da temática em pauta, pedimos sua permissão enquanto gestor para aplicar um questionário aos alunos do 1º ano D, turno vespertino desta escola a fim de participarem de nossa pesquisa, compartilhando sua visão e impressões pessoais acerca do nosso objeto de estudo. Contamos com a sua colaboração, pela qual antecipadamente agradecemos.

Aldenora Resende dos Santos Neta

Isabel Cristina Moreira Reis
Orientadora
Cursista

ANEXO B - Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA
CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente documento, eu, _____
 _____, portadora da cédula de identidade N° _____,
 professora da rede estadual de educação do Estado do Maranhão, declaro ceder ao (à)
 pesquisador(a) Isabel Cristina Moreira Reis, estudante do Curso de Pós-graduação em
 Coordenação Pedagógica, da Escola de Gestores, vinculado à Universidade Federal do
 Maranhão - UFMA, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento que prestei à
 mesma.

A referida pesquisadora fica constantemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar,
 para fins de sua Monografia, como em qualquer publicação que esteja ligada à sua atividade
 de pesquisa, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, sendo
 preservada a minha identidade e sigilo, o qual será resguardado mediante a utilização de
 codinome (pseudônimo).

E, por estar de acordo, assino o presente termo.

Barão de Grajaú, 28 de setembro de 2016.

Assinatura do Entrevistado

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Questionário aplicado aos alunos do 1º ano D, turno vespertino do Centro de Ensino Aristides Lobão.

1º) Como você costuma chegar à sala de aula?

- a) () Entusiasmado
- b) () Entusiasmado mas logo depois desanima
- c) () Cansado
- d) () Não quer conversar com ninguém
- e) () Outros

2º) comente sua resposta.

3º) O que você acha desinteressante na sala de aula?

- a) () O professor
- b) () O conteúdo exposto
- c) () A maneira como o professor conduz a aula
- d) () A conversa dos colegas
- e) () Não ser utilizados recursos tecnológicos

4º) Na sala de aula as atividades são sempre individuais e não há interação entre alunos e professores?

- a) () Sim
- b) () Não
- c) () Às vezes
- d) () Raramente

5º) Como você gostaria que as aulas fossem realizadas?

6º) Você já associou conteúdos trabalhados na sala de aula com o meio social em que vive?

- a) () Nunca
- b) () Sim

- c) () Às vezes
- d) () Raramente

7º) Quais conteúdos e atividades vivenciadas por você, ou não, fora da escola, gostaria que fossem trabalhados na sala e aula? Justifique sua resposta.

8º) Como você reagiria se o espaço da sala de aula fosse palco de discussões coletivas, onde todos fossem sujeitos agentes e houvesse interação entre professores e alunos? Justifique sua resposta.

9º) Que recurso tecnológico gostaria que fosse usado na sala de aula? Justifique sua resposta.

10º) Os conteúdos ministrados nas disciplinas dialogam entre si?

- a) () Nunca, cada disciplina trabalha seu conteúdo isoladamente
- b) () Sempre, os professores discutem constantemente os mesmos temas
- c) () Às vezes conteúdos abordados em uma disciplina, são mencionados em outra.
- d) () Raramente um conteúdo de uma disciplina relaciona-se com o de outra disciplina.

“ É fazendo que se aprende a fazer aquilo que se deve aprender a fazer. ”

Aristóteles